

ENZO M. F. C. S. GOUSSAIN

**SOCIABILIDADE, LAZER E CULTURA JUVENIL NAS FESTAS
UNIVERSITÁRIAS DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALFENAS**

Trabalho de conclusão de curso a Universidade Federal de Alfenas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Lucas Cid Gigante

Co-orientador: Prof. Luis A. Groppo

Alfenas/MG

2015

ENZO M. F. C. S. GOUSSAIN

**SOCIABILIDADE, LAZER E CULTURA JUVENIL NAS FESTAS
UNIVERSITÁRIAS DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALFENAS**

Trabalho de conclusão de curso a Universidade Federal de Alfenas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Lucas Cid Gigante

Co-orientador: Prof. Luis A. Groppo

Área de concentração: Sociologia

Data da defesa:

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Conceição

Universidade Federal de Alfenas: _____

Prof. Dr. Leonardo Turchi Pacheco

Universidade Federal de Alfenas: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, Pedro e Beatriz, aos meus irmãos, Isaac, Ricine e Blaha, a minha vó, Dona Maria Margarida e a todos os meus familiares que confiaram na minha escolha e me ampararam nos momentos mais incertos. Sem vocês nada disso seria possível. Eterna gratidão.

Aos meus orientadores, Lucas Cid Gigante e Luis Antonio Groppo que me guiaram no desenvolvimento deste trabalho com infinita maestria e sabedoria, cada qual dentro das suas possibilidades e especialidades. Muito obrigado.

Agradeço a todos os professores que participaram da minha graduação acadêmica e que contribuíram de alguma forma para a minha formação, não só profissional, mas também intelectual e humana. Vocês fizeram um ótimo trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos e companheiros que me acompanharam nesta jornada, em especial aos “irmãos” da República Alcatraz e da República Itapeva. São mais de seis anos de muitas risadas e histórias. E quantas histórias. As guardarei para sempre comigo.

A todos os que passaram pela minha vida e que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigado mesmo.

Um último agradecimento a todos os estudantes, a todas as repúblicas e a todos os organizadores de festas estudantis que me permitiram poder fazer o trabalho de campo e que me forneceram material para o desenvolvimento desta pesquisa.

Obrigado, terra abençoada de Minas Gerais pelo acolhimento e pelo carinho. Ainda sou um rapaz de sangue e coração paulista, mas de alma e espírito mineiro, “uai”.

Obrigado, Extraordinário, pelas memórias, pelas histórias e pela dádiva da vida.

“... se o amor atravessa fronteiras, a juventude derruba barreiras”

(Autor desconhecido)

RESUMO

Este trabalho investiga as formas de interação entre os estudantes universitários da Universidade Federal de Alfenas – MG, tendo como objeto de pesquisa as festas universitárias organizadas pelos próprios estudantes desta instituição. O objetivo principal deste trabalho é entender por que parte considerável dos estudantes desta universidade organiza e frequenta festas universitárias, buscando compreender também se elas se enquadram como meios específicos de lazer e socialização deste estrato da juventude. Para isto, realizamos um trabalho etnográfico com ênfase na observação participante acompanhando os estudantes durante trinta e seis meses de investigação, no início de 2012 até o final de 2014, nas mais diversas festas e eventos organizados pelos próprios discentes desta academia. Realizamos ainda uma série de questionários e entrevistas com alguns alunos a fim de captar as intenções e motivações que levam estes a organizar e frequentar as festas estudantis. Os prismas teóricos utilizados para esta investigação se basearam nos trabalhos de Georg Simmel acerca do conceito de sociabilidade e do conceito de lazer e cultura de Joffre Dumazedier. Os resultados desta pesquisa revelaram que as festas estudantis são desdobramentos dos encontros particulares que acontecem nos interiores das residências e repúblicas universitárias, configurando por fim o quadro de entretenimento universitário bem conhecido entre seus usuários: o “circuito de festas estudantis dos estudantes da Unifal”. Um outro dado evidenciado pela análise das entrevistas e dos questionários aplicados aos discentes é que os organizadores utilizam as festas como formas de “arrecadação de fundos” para fins diversos, para a “criação de espaços de socialização e lazer” para amigos e também como meios de “obtenção de reconhecimento social” dentro da sociedade discente. Para os frequentadores, os eventos estudantis são “mecanismos de socialização e de entretenimento” que possibilitam encontrar e fazer novos amigos, consumir produtos (simbólicos e concretos), desempenhar papéis e comportamentos diversos e vivenciar experiências próprias da juventude, além de poder extravasar as tensões provenientes do cotidiano da vida acadêmica.

Palavras-chave: Sociabilidade; Lazer; Festas Universitárias; Eventos Estudantis.

ABSTRACT

This work investigates the ways of interaction among undergraduate students from the Federal University of Alfenas - MG with those parties they organize themselves as the search object. The main purpose of this work is to understand why a great amount of these students organize and attend to university student parties, seeking to understand whether they can be fit as specific means of leisure and socialization of this youth stratum. In this regard, an ethnographic work emphasized in participant observing through accompanying the students during thirty-six months, from the beginning of 2012 to the end of 2014, in the most diverse parties and events set up by the learners of this academy. A number of surveys and interviews with some learners were made in order to catch the intentions and motivations which lead those students in organizing and attending to the student parties. The theoretical prisms used for this research are based on the works of Georg Simmel regarding the concept of sociability and the concept of leisure and culture of Joffre Dumazedier. The results revealed that student parties are offshoots of private meetings that take place in university student homes, finally setting the university entertainment framework well known among its users: the "student parties circuiting of students from Unifal". Another fact evidenced by the analysis of interviews and surveys given to the students is that the organizers use the parties as ways to "raise funds" for various purposes, as "to create spaces for socialization and recreation" for friends and also as a means of "getting social recognition" within the student society. To the goers, the student events are "mechanisms of socialization and entertainment" which allows finding and making new friends, consuming products (symbolic and concrete), playing diverse kinds of role and behavior, and facing own experiences of youth, in addition to spill stresses from every day academic life.

Keywords: Sociability, Leisure, University Student Parties, Student Events.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. MÉTODO ETNOGRÁFICO, SOCIABILIDADE E LAZER	11
1.1. O método etnográfico: olhar, ouvir e escrever.....	11
1.2. O trabalho de campo: dificuldades e desafios.....	13
1.3. O conceito de sociabilidade segundo Georg Simmel.....	15
1.4. O conceito de lazer segundo Joffre Dumazedier.....	21
2. DOS ROLÊS ESTUDANTIS ÀS FESTAS UNIVERSITÁRIAS	25
2.1. Os “rolês” estudantis.....	25
2.2. As festas de república.....	27
2.3. As festas universitárias.....	31
3. SOCIABILIDADE, LAZER E CULTURA JUVENIL NOS EVENTOS DOS ESTUDANTES DA UNIFAL-MG	36
3.1. Os eventos universitários como espaços de sociabilidade.....	38
3.2. Os eventos universitários como espaços de lazer.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	71
ANEXO	73

INTRODUÇÃO

Desde o meu ingresso na universidade, no início do ano de 2010, tem sido muito comum ouvir de pessoas adultas que residem no município, sobretudo aquelas que moram nos entornos da Universidade Federal de Alfenas e próximos às residências estudantis, discursos que acusam os estudantes de serem baderneiros e extremamente barulhentos: “Os estudantes só querem saber de farrear!”. (sic). Da mesma forma, é corriqueiro ler em diversas postagens nas redes sociais de interação virtual ou mesmo em sites de notícias e outros meios de comunicação da cidade comentários descontentes de alguns moradores que reclamam das festas realizadas em repúblicas e demais residências universitárias: “Querem fazer festa? Então procurem lugares apropriados para isto!” (sic), ou ainda, “A cidade já tem tantos bares, boates e clubes (...) por que então fazer festa?” (sic). Tais discursos e comentários sempre despertaram a minha atenção. Primeiro, pelo fato de se direcionarem ao estrato social ao qual pertencço e pelo qual tenho interesse sociológico: a juventude¹. Segundo, por terem relação à área de atuação profissional a qual exerço informalmente: o trabalho de sonorização de eventos. Sendo assim, esta dupla correlação me instigou ao ponto de levantar algumas questões: afinal, por que os jovens estudantes organizam festas sendo que a cidade realmente oferece tantas opções e espaços específicos para tais atividades? O que estas reuniões e festas têm de tão significativo para os jovens universitários? A partir da união dessas duas áreas de interesse – sonorização de eventos e juventude – fui tomado pelo desejo de investigar as festas universitárias enquanto tema do meu trabalho de conclusão de curso.

É verdade que a escolha do objeto de investigação seguiu também o critério de ordem prática. Afinal, a ideia de unir, numa só empreitada, trabalho profissional e trabalho acadêmico me pareciam a melhor forma de conciliar duas ações necessárias e fundamentais: a arrecadação de fundos para minha manutenção e a concretização da etapa final de minha graduação. Entretanto, o que antes era visto apenas como festa – conforme o pensamento corrente que se tem acerca dos eventos universitários – acabou se revelando como algo muito mais complexo. Nos primeiros levantamentos de trabalhos, artigos, noticiários (impressos e virtuais) e demais materiais acerca do assunto, constatei que parte considerável dos estudantes das cidades da

¹ Os sujeitos desta pesquisa – os estudantes organizadores e frequentadores dos eventos universitários – são em sua maioria jovens entre 18 e 26 anos, estando, portanto, dentro do enquadramento etário proposto pelo Estatuto da Juventude decretado pela lei 12.852/13, que é de 15 a 29 anos.

região que apresentam instituições de ensino superior, as chamadas cidades universitárias², organiza ou participa de encontros e eventos de caráter universitário, seja em repúblicas estudantis ou em outros espaços privados. Da mesma forma, a tensão e os conflitos entre moradores e estudantes decorrentes da realização destes eventos (tanto das reuniões particulares quanto das festas de maior porte) é fato comum nestes mesmos municípios. Isto me leva a concluir que a recorrência deste fenômeno e o tema em pauta são de profundo interesse e relevância sociológica, pois pode ser pensado enquanto um fato social que se repete em diversos lugares e que reflete, num plano mais geral, o próprio conflito intergeracional entre adultos e jovens, assunto de muitos trabalhos das ciências sociais acerca da juventude.

No caso de Alfenas não é diferente. O município é uma cidade universitária que possui duas instituições de ensino superior³: a Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG) e a universidade particular Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas). Ambas as juventudes destas duas instituições de ensino estão envolvidas na organização e participação de eventos universitários e também estão no centro dos conflitos entre estudantes e moradores do município. No entanto, para garantir a viabilidade da pesquisa diante da amplitude e a complexidade do assunto, bem como do vasto número de eventos estudantis realizados em Alfenas, decidi limitar a investigação às festas universitárias organizadas e frequentadas pelos estudantes da Unifal-MG. Com isso, foi possível reduzir o campo de observação e acompanhar com mais objetividade os estudantes desta instituição, tanto nos eventos particulares realizados nas repúblicas e residências estudantis quanto àqueles realizados em espaços alugados como chácaras e sítios situados fora do perímetro urbano. O objetivo principal deste trabalho é entender por que os estudantes organizam e participam de festas e a minha hipótese inicial é que os eventos estudantis funcionariam como meios de socialização e lazer específicos deste estrato da juventude, promovendo a interação dos diversos grupos que compõem a sociedade discente da Universidade Federal de Alfenas.

É importante destacar que a minha atuação profissional de sonorização foi essencial para garantir o livre acesso às festas estudantis. Foram inúmeros os eventos universitários que tive a oportunidade de acompanhar durante o período de trinta e seis meses, do início de 2012 até o final do ano de 2014, tanto na parte de sonorização quanto como observador participante. São

² Os sítios e noticiários virtuais das cidades universitárias que consultei para esta monografia foram de Itajubá, Lavras, Ouro Preto, São João del-Rei e Viçosa, todos municípios de Minas Gerais.

³ Presenciais.

mais de cem festas atuando profissionalmente como “*disk jockey*” (DJ), como locador de equipamentos e ainda como operador de som para grupos e bandas e isto acabou por me conferir participação quase que absoluta e irrestrita na maior parte dos eventos universitários organizados pelos estudantes da Unifal-MG. Estas experiências – trabalhos, observações e participações – foram documentadas através de diários etnográficos e também por outros meios como vídeos e fotografias. Fez-se ainda um questionário, voltado para os frequentadores e organizadores e algumas entrevistas semiestruturadas com estudantes e ex-estudantes da universidade a fim de captar as motivações que levam estes a organizar e a participar dos eventos estudantis. Os conteúdos destes dados, a reflexão teórica acerca do tema e as conclusões finais desta pesquisa serão apresentados no decorrer da monografia, cada qual destes tópicos em seus respectivos capítulos. Mas antes, farei uma breve apresentação da metodologia de investigação, das adaptações metodológicas e dos desafios do trabalho de campo que enfrentei durante as festas universitárias dos estudantes da Unifal-MG.

1. MÉTODO ETNOGRÁFICO, SOCIABILIDADE E LAZER.

1.1. O método etnográfico: olhar, ouvir e escrever.

Optei por fazer a investigação das festas estudantis organizadas pelos estudantes da Unifal-MG utilizando o “método etnográfico” de pesquisa, com ênfase na “observação participante”. Mas o que é o método etnográfico? De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (2006), o trabalho etnográfico é um método de investigação que exige do pesquisador o exercício de três faculdades fundamentais do corpo e do espírito: olhar, ouvir e escrever. O “olhar” aqui referenciado é diferente da simples ação de “ver”, de enxergar as coisas. O primeiro requer profundidade, foco e disciplina, e esta é adquirida através da formação teórico-acadêmica do cientista social. Roberto Cardoso de Oliveira nos diz ainda que o olhar disciplinado funciona como “uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração” (OLIVEIRA, 2006, p.19). Sérgio Cardoso corrobora com esta concepção dizendo que o olhar do pesquisador “é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor...” (CARDOSO, 1988, p.239). Tendo estas coisas em “vista”, busquei controlar o olhar a fim de captar os mínimos detalhes dos ambientes e as formas e nuances dos comportamentos dos estudantes durante os eventos universitários no intuito de descobrir as continuidades e descontinuidades, os sentidos e as significações de suas disposições e ações, bem como as relações que se estabelecem entre seus pares durante os momentos de socialização.

Da mesma forma que o olhar, o “ouvir” é igualmente uma arte. Mas não se trata simplesmente de entrevistar pessoas ou captar os sons que se propagam pelo ambiente. É antes uma ação dialógica entre dois sujeitos e dois mundos distintos, o do pesquisador e do “nativo”, resultando numa interlocução que “transforma” e “constrói” uma realidade totalmente nova, produto direto desta “troca” de palavras e “visões de mundo”. Entretanto, esta “fusão de horizontes” só é possível “desde que o pesquisador tenha habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo ente ‘iguais’...” (OLIVEIRA, 2006, p.24). Sendo assim, procurei dialogar com os jovens estudantes universitários de forma solta e horizontal a fim de garantir um diálogo o mais natural possível, sem qualquer tipo de pressão advinda de roteiros rígidos de entrevista ou qualquer outra coisa que pudesse comprometer a fluidez da troca de experiências. Esta foi, pois, a estratégia que utilizei para estabelecer uma

ponte de interlocução capaz de unir estes dois universos distintos: o do estudante investigador e o dos estudantes investigados.

Naturalmente, o ato de “olhar” e o “ouvir” requer que o pesquisador esteja efetivamente em campo, junto dos “nativos” e de seu objeto de pesquisa. Estas faculdades se relacionam com os aspectos do proceder etnográfico apontado por Yves Winkin (1998), “saber ver”, “saber ser” e “saber estar com”, tendo neste último elemento relação direta com a capacidade de “empatia” do pesquisador, requisito essencial para a realização assertiva da “observação participante”. Além disso, o trabalho de campo é a primeira etapa fundamental da investigação empírica defendida por Clifford Geertz (2005), o “estar lá” (“*being there*”). Sendo assim, tenho acompanhado sistematicamente os estudantes durante trinta e seis meses – de 2012 a 2014 – realizando o trabalho de campo e a observação participante em diversos eventos organizados pelos próprios universitários desta instituição, vivenciando conjuntamente o mesmo contexto experiencial proporcionado pelas festas estudantis.

A segunda etapa proposta pelo antropólogo estadunidense (2005) se refere ao trabalho desenvolvido “estando aqui” (“*being here*”), ou melhor, no conforto do “gabinete”, no espaço da academia ou no escritório do pesquisador. Tal etapa corresponde à última faculdade que me resta apontar: o “escrever”. O “escrever” na etnografia é o processo de textualização dos fenômenos socioculturais observados – vistos, ouvidos e vividos – “estando lá” em campo. É a ação por excelência do empreendimento etnográfico. Entretanto, o ato de “escrever” tem seu início já nos primeiros registros das impressões e observações realizadas durante a investigação *in loco*, nas anotações feitas no “diário de campo” do pesquisador. Ainda de acordo com Yves Winkin (1998), o “diário de campo” possui três funções essenciais: primeiro, serve como espaço de anotações e demais considerações “pessoais” do investigador, um lugar de livre manifestação de seus sentimentos e opiniões mais íntimas acerca do objeto; segundo, é o lugar de registro das experiências empíricas do profissional junto a seu objeto de pesquisa e de tudo aquilo que lhe chamar a atenção e; terceiro, tem a função reflexiva e analítica em que posteriormente o pesquisador fará a releitura, quantas vezes forem necessárias, para destacar possíveis regularidades, códigos ou quaisquer outros traços marcantes do objeto de pesquisa, articulando experiência empírica com a interpretação de seus resultados a fim de construir ou pelo menos aprofundar o conhecimento acerca do mesmo objeto. Seguindo estas orientações, eu criei um diário etnográfico no qual registrei ao longo destes trinta e seis meses de pesquisa minhas considerações pessoais, as observações realizadas durante o trabalho de campo e as experiências compartilhadas com os estudantes durante estas festividades.

É importante frisar que este trabalho etnográfico se realizou em duas situações distintas: a primeira diz respeito às incursões a campo onde eu fui única e exclusivamente como observador participante, realizando o trabalho de investigação como pede a prática etnográfica; a segunda situação se refere às incursões em que eu fui, antes, como “profissional contratado” para oferecer o trabalho de discotecagem e sonorização de palco, exigindo uma conformação dos procedimentos metodológicos que explicarei na seção seguinte. De qualquer forma, esta “prestação de serviços” foi fundamental para que o eu pudesse estar presente em praticamente todas as festas organizadas pelos estudantes da Unifal-MG, facilitando a minha inserção e possibilitando-me maior frequência e participação com o meio investigado (meio este que também é o meu, estudante desta mesma universidade). Elaborei também um questionário (*survey*) e entrevistei alguns estudantes e ex-estudantes com o objetivo de captar questões mais pontuais que não foram possíveis de serem coletadas durante o trabalho de campo. Fiz ainda um “roteiro de observação” no qual listei alguns pontos essenciais para análise durante as festas universitárias e elaborei um mapa do “circuito de festas dos estudantes da Unifal” com os principais estabelecimentos onde ocorrem estes eventos. Os conteúdos destes registros diversos serão devidamente tratados nos próximos capítulos. Mas agora, falarei um pouco das dificuldades e dos desafios que enfrentei para a realização do trabalho de campo.

1.2. O trabalho de campo: dificuldades e desafios.

Como dito anteriormente, o fato de ser profissional de sonorização e ao mesmo tempo discente da universidade facilitou em muito a minha inserção nas festas universitárias organizadas pelos estudantes da Unifal-MG, tornando mais natural a minha adaptação e interação com os sujeitos de pesquisa. A proximidade e a identificação com o público estudantil possibilitaram os contatos e as “negociações de trabalho”, tanto no âmbito profissional quanto no etnográfico, garantindo-me assim o acesso quase que absoluto e irrestrito aos eventos estudantis da universidade. Entretanto, esta “facilidade” proporcionada pela profissão trouxe também consigo algumas complicações as quais exigiram certas adaptações metodológicas para o trabalho de campo durante os eventos. A primeira dificuldade se refere à restrição espacial do “DJ” ou operador de som em um determinado espaço físico durante todo o tempo da apresentação ou função técnica: em alguns eventos eu ficava “temporariamente limitado” ao espaço destinado às atrações musicais até o final do “expediente de trabalho”. É certo que o palco destinado às atrações artísticas é sem dúvida o melhor lugar para realizar as observações

dos eventos, uma vez que oferece visão ampla e completa de todo o ambiente. Por outro lado, a mobilidade e a interação com o público estudantil ficavam inviabilizadas até o término da minha apresentação artística ou função técnica. Neste sentido, eu estava em uma posição privilegiada para o “olhar”, mas comprometida para o “ouvir” e “vivenciar” conjuntamente o contexto experiencial das festas. Por sorte, a maioria dos eventos universitários apresenta pelo menos duas atrações musicais além do som mecânico⁴, possibilitando-me realizar o trabalho de campo durante estes intervalos.

Outra dificuldade que encontrei para efetuar o trabalho etnográfico durante o expediente de discotecagem e sonoplastia se refere à impossibilidade de registrar simultaneamente as observações, os diálogos e os demais dados empíricos no momento da minha operação ou performance profissional: não era possível fazer as anotações no diário de campo enquanto eu estivesse atuando musicalmente. Diante deste obstáculo, optei por deixar os registros para o momento posterior às festas, normalmente no dia seguinte ao evento, recorrendo à “memória” dos fatos, das experiências e observações realizadas *in loco*. Em alguns casos, contei com a ajuda de recursos como fotografias e filmagens para auxiliar no resgate destas mesmas memórias e, por sorte, captar outros elementos que tenham passado despercebidos durante a observação no trabalho de campo. Estas fotografias e filmagens ora eram feitas por mim mesmo (com o objetivo que a pouco fora mencionado) e ora pelos próprios estudantes e organizadores das festas estudantis como forma de armazenar “material publicitário” para ser utilizado na divulgação de edições futuras dos mesmos eventos, sendo estes materiais disponibilizados nas páginas virtuais das festas, nas redes sociais de interação como o “Facebook”, “Instagram”, “SnapChat”, entre outros.

Contornadas estas dificuldades, realizei o trabalho de campo conforme exige a disciplina. Além do cuidado de garantir as condições básicas para o “estranhamento” do objeto de pesquisa – uma vez que eu também faço parte do universo investigado – uma de minhas preocupações iniciais era de lidar com o pensamento corrente que se tem dos encontros e das festas universitárias enquanto meras reuniões de estudantes com o intuito de beber, paquerar, dançar e ouvir música⁵. Não que estas coisas não estejam em jogo, mas, como demonstrarei

⁴ Qualquer forma de produção ou reprodução sonora que se faça por intermédio de aparelhos ou sintetizadores eletrônicos ao invés de instrumentos musicais propriamente ditos. As discotecagens dos DJ's são os exemplos mais populares deste tipo de sonorização.

⁵ Estas práticas podem ser pensadas como aspectos inerentes aos impulsos hedonistas da época moderna na qual vivemos, imprimindo a urgência da experimentação, do prazer e da fruição das sensações numa busca desenfreada pela satisfação que antecipa o futuro no presente e que se cristaliza no viver a vida “aqui e agora”.

mais adiante, estes são apenas aspectos superficiais de uma série de outros sentidos e motivações que levam os jovens estudantes a organizar e frequentar as festas universitárias. Na seção que se segue, apresentarei o aporte teórico que será utilizado para refletir acerca das festas universitárias investigadas enquanto espaços de entretenimento e interação específicos dos estudantes desta universidade.

1.3 O conceito de sociabilidade segundo Georg Simmel

Antes de iniciar de fato a conceitualização e reflexão do termo sociabilidade enquanto uma forma de interação específica entre os indivíduos – e no que diz respeito à sociabilidade dos estudantes universitários, sujeitos sociais desta pesquisa – explicarei primeiramente os elementos fundamentais que estruturam o pensamento de Georg Simmel acerca da interação sociável entre os sujeitos da ação.

Simmel aponta para duas proposições nucleares de todas as sociedades: em primeiro lugar, “é possível diferenciar, em cada sociedade, **forma e conteúdo**” (SIMMEL, 2006, p.59 – grifos meus), e em segundo lugar é que “a própria sociedade, em geral, se refere à **interação** entre os indivíduos” (SIMMEL, 2006, p.59 – grifo meu). Ou seja, “conteúdo”, “forma” e “interação” são os elementos estruturais do pensamento simmeliano acerca da sociação e, posteriormente num outro nível, da sociabilidade. Por “conteúdo”, Simmel explica:

Defino assim, simultaneamente, como **conteúdo e matéria da sociação**, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros. (SIMMEL, 2006, p.60 – grifos meus).

Portanto, podemos conceber como “conteúdo” todos os instintos, desejos, anseios, sentimentos, vontades, enfim, todas as motivações objetivas ou latentes que movem os indivíduos. São as “matérias da sociação”. Toda e qualquer tipo de interação envolve um conteúdo específico e estes

... fazem com que o ser humano entre, com os outros, em relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de

correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. (SIMMEL, 2006, p. 60).

Todavia, os conteúdos por si só não bastam para a interação. Eles “não são sociais”. Apenas podem ser considerados como fatores de sociação quando “transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas **formas** de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação” (SIMMEL, 2006, p.60 – grifo meu). Assim,

A sociação é, portanto, a **forma** (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela casualidade ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual se realizam. (SIMMEL, 2006, p.61 – grifo meu).

Sendo assim, temos os três elementos básicos da sociação: o *conteúdo*, matéria da sociação, que abarca todas as motivações individuais dos sujeitos; a *forma*, que é a maneira ou as maneiras pelas quais os indivíduos se encontram para se sociar, a favor ou contra os outros, a fim de satisfazer suas necessidades; a *interação* em si, que é o resultado da sociação entre os sujeitos a partir de um tema (conteúdo) específico e de uma maneira (forma) definida, para a satisfação de um objetivo em comum. “Essas interações...” – explica Simmel – “... significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma ‘sociedade’” (SIMMEL, 2006, p.60). Temos assim a primeira etapa da explanação do pensamento de Simmel concluída. Cabe agora dar o próximo passo. Neste segundo momento explicarei o processo de “autonomização dos conteúdos da sociação”, processo fundamental para entender “a sociabilidade como forma pura e autônoma de sociação”.

De acordo com o autor, os conteúdos são as motivações objetivas que movem os indivíduos, as ações necessárias para – no limite – a manutenção da existência. No entanto, ao longo do desenvolvimento histórico das interações e realizações humanas, a maioria dos conteúdos se “descolaram” de seus contextos originais e “transcenderam” a um nível mais elevado do simples *status* utilitarista que pressupõe as ações da manutenção da vida, deixando de ser um “valor para alguém” e passando a ser um “valor em si mesmo”. Usarei aqui o exemplo da astronomia a fim de ilustrar o processo de autonomização dos conteúdos.

A astronomia, grosso modo, surgiu em parte do “acúmulo de conhecimentos” dos primeiros navegantes. Estes descobriram que era possível orientar a navegação através da

observação das estrelas. Assim, pode-se navegar longe da costa sem o risco de perder-se em alto mar, possibilitando, entre outras coisas: a exploração da pesca em lugares mais distantes; a descoberta de rotas alternativas para encurtar os caminhos anteriormente feitos por terra; fugir das emboscadas realizadas por saqueadores, etc. Em suma, a observação dos astros possibilitou a resolução de problemas do dia-a-dia e sua prática foi sendo “aprofundada” com o passar do tempo, tornando-se a forma particular e complexa de “ciência astronômica” que conhecemos hoje. Todavia, sua condição presente é totalmente diferente do contexto original: ela certamente está muito além da mera observação dos astros para fins de exploração marítima, da mesma forma que muitos dos atuais astrônomos sequer entraram em uma embarcação, tampouco utilizam tais conhecimentos para os mesmos fins. Ou seja, seu “sentido” ou “fim original” transcendeu as necessidades nucleares dos primeiros usuários, tornando-se uma ciência “autônoma” que responde as suas próprias necessidades e não mais àquelas de outrora, aquelas finalidades práticas responsáveis por sua criação. Portanto,

...todo conhecimento parece ter um sentido na luta pela existência. Saber o verdadeiro comportamento das coisas tem uma utilidade inestimável para a preservação e aprimoramento da vida. Mas o conhecimento não é mais usado a serviço de propósitos práticos: a ciência tornou-se um valor em si mesmo. Ela escolhe seus objetos por si mesmo, modela-os com base em suas necessidades internas, e nada questiona para além de sua própria realização. (SIMMEL, 2006, p.61 – grifos meus).

A autonomização é o processo de criação do domínio autônomo de um determinado conteúdo em relação à realidade prática anteriormente atribuída, conferindo a este um “valor em si mesmo” e uma “forma específica” de “realização em si”. Tal processo, portanto, estabelece uma tênue relação com a realidade, independente da finalidade prática e utilitarista pela qual fora criada inicialmente. É o “meio” que deixa de ser enquanto tal para se tornar “fim em si mesmo”. Estes conteúdos, pois, “tornaram-se autônomos, no sentido de que não se podem mais separar do objeto que formaram exclusivamente para o seu próprio funcionamento e realização” (SIMMEL, 2006, p.61).

Esse movimento – “da determinação das formas pelas matérias da vida para a determinação de suas matérias pelas formas que se tornam valores definitivos” (SIMMEL, 2006, p.62) – como diria Simmel, é a operação daquilo que chamamos de “jogo”. Os impulsos reais da vida produzem as formas de nosso comportamento desejável para o jogo, as “regras” ou “formas de como proceder” para poder jogar dentro de um contexto de qualquer tipo (caça, conquista, competição, etc.). No entanto, em dado momento, estas formas de “como jogar” se

tornam autônomas dos conteúdos e impulsos autônomos dentro do próprio jogo, ou seja, *como* jogo. Assim, a caça deixa de ser “ato de caçar para garantir a alimentação e a sobrevivência” para se tornar “caça competição”, “caça como *hobby*”, entre outros, desapegando-se da vida e criando autonomamente os objetos nos quais irá se testar e se representar na sua pureza. (SIMMEL, 2006, p.63).

Esta segunda etapa da explanação do pensamento simmeliano que acabei de definir é fundamental para o entendimento da sociabilidade enquanto uma espécie particular de sociação, pois ela segue a mesma lógica da autonomização dos conteúdos: a sociabilidade é uma forma de sociação que transcende a interação objetiva dos conteúdos materiais da vida, colocando-os num estado de suspensão temporária em favor de uma “forma autônoma e lúdica de sociação”. Todas as formas de interação têm em “jogo” algum conteúdo latente, “só que, para além desses conteúdos específicos, todas as formas de sociação são acompanhadas por um **sentimento** e por uma **satisfação de estar justamente socializando**, pelo valor da sociedade enquanto tal” (SIMMEL, 2006, p.64 – grifos meus). É exatamente este “sentimento” e esta “satisfação de estar junto” que “impulsionam” os sujeitos a interagir conjuntamente, garantindo que a sociabilidade “pura” se faça num exercício espontâneo, afastado da dureza da vida cotidiana. Assim,

Esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a sociação em particular. Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade de coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o ‘impulso de sociabilidade’ em sua pura efetividade, se desvincula das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de ‘sociabilidade’ [Geselligkeit] em sentido rigoroso (SIMMEL, 2006, p.64).

A sociabilidade, em oposição ao “racionalismo” presente nas interações objetivas, se descola da realidade da vida social à medida que se poupa de determinados atritos e ocupa um papel simbólico na vida dos indivíduos. Por isso,

A sociabilidade se poupa dos atritos por meio de uma relação meramente formal com ela. Todavia, quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade, também para os homens de nível inferior, um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos conteúdos concretos (SIMMEL, 2006, p. 65).

Temos assim a sociabilidade como uma forma específica de sociação onde a interação entre os atores atinge um nível superior às interações meramente objetivas e os conteúdos estão,

portanto, num estado de suspensão, dando lugar ao sentimento mútuo de estar junto e de pertencer a uma unidade sociativa. Essa “vontade de estar junto” e o “sentimento de pertencimento” é o marco fronteirístico entre a sociação objetiva e a sociabilidade, conferindo a esta última sua “autonomia” e liberando-a das objetivações do mundo.

Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. (SIMMEL, 2006, p.64).

Há um ponto importante para destacar e que se refere ao mecanismo de regulação dos indivíduos no momento da sociabilidade. Sendo esta uma forma de interação livre das influências dos conteúdos materiais da vida e tendo como sujeitos da ação indivíduos dotados de objetivos concretos, valores e ambições, a sociabilidade tende a se pautar única e exclusivamente nas personalidades dos sujeitos. “As qualidades pessoais de amabilidade, educação, cordialidade e carisma de todo tipo decidem sobre o caráter do ser em comunidade.” (SIMMEL, 2006, p.66). Entretanto, estas mesmas qualidades da personalidade não devem e nem podem ser enfatizadas de modo explícito de maneira a contrastar uma diferença de nível de qualquer tipo entre os pares, pois o mais importante para o momento da sociabilidade é a plena comunhão com os outros e a equivalência – ainda que simbólica – de todos no plano dos valores, deixando em segundo plano os elementos distintivos de cada indivíduo. Em outras palavras,

Na sociabilidade não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação; riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel na sociabilidade. Quando o fazem, não passam de uma leve nuança daquela imaterialidade com a qual apenas à realidade é permitido penetrar o artifício social da sociabilidade. (SIMMEL, 2006, p.67).

Sendo assim, durante o momento de sociabilidade as interações são reguladas por um sentimento que Simmel chama de “tato”, um mecanismo interno de autoregulação que orienta os sujeitos a não exteriorizar de forma exarcebada suas noções e intenções mais íntimas, bem como seus valores e conteúdos outros daqueles subjacentes ao jogo interativo. Qualquer “falha” no que diz respeito à regulação deste princípio pode comprometer o ato da socialização como

sentimento mutuamente apreciado, culminando em constrangimento e na quebra da unidade sociativa.

Por essa razão, o sentido do tato tem um grande significado na sociedade, uma vez que leva à autoregulação do indivíduo em sua relação com os outros, e num nível que nenhum sentimento egoísta, externo ou imediato, possa assumir a função reguladora. Talvez seja a ação específica do tato que marque os limites para os impulsos individuais, para a ênfase no eu e para as ambições espirituais e externas, sendo talvez a ação específica que sustente a legitimidade do outro. (SIMMEL, 2006, p.66).

É o tato enquanto mecanismo de autoregulação que nos diz até onde podemos ir, o que podemos e o que não podemos dizer, o que podemos ou não fazer e, principalmente, como devemos nos comportar diante do outro. A discricção é a primeira condição da sociabilidade e pode-se afirmar que não há nada mais constrangedor que a sensação de ter extrapolado os limites da interação sociável, seja por uma expressão “mal compreendida” ou pela manifestação clara de objetivações egoístas que tendem a assumir o posto e a instância reguladora da interação, causando assim a ruptura da comunhão entre os sujeitos e a degeneração da “natureza artificial” da sociabilidade. Os limites traçados pelo tato definem as fronteiras do aceitável/inaceitável, bem como a forma de ser e de como ser enquanto unidade sociativa.

Temos assim a definição teórica do conceito de sociabilidade, assim como dos elementos estruturais do pensamento simmeliano: conteúdo, forma e sociação; autonomização dos conteúdos, jogo, sentimento de pertencimento e o sentido do tato. Caberá ao final desta monografia associar o conceito apresentado e os demais elementos à realidade das festas universitárias, sobretudo às formas de interação entre os estudantes universitários da Unifal-MG, mostrando como os eventos estudantis podem ser pensados enquanto momentos de sociabilidade – e sociabilidades – entre os diversos grupos de estudantes que frequentam as festas universitárias organizadas por estudantes desta instituição. Mas antes disso, farei a apresentação de um outro conceito teórico que será de igual importância para refletirmos sobre outro aspecto dos eventos estudantis, agora como formas específicas de entretenimento deste estrato da juventude: o conceito de lazer de Joffre Dumazedier.

1.4 O conceito de lazer segundo Joffre Dumazedier

Toda reflexão um pouco mais cuidadosa acerca de uma palavra ou de um termo revela muito mais do que sugere o pensamento corrente sobre o mesmo. Assim é o caso da expressão “lazer”, termo usado cotidianamente como sinônimo de “ócio”, de “tempo livre” ou de “tempo de descanso”. Mas tempo livre e de descanso de quê?

O sociólogo francês Joffre Dumazedier, referência na área da sociologia do lazer, revela informações valiosas acerca do tema. No início do terceiro capítulo de seu livro “Sociologia empírica do lazer” (1974), Dumazedier faz uma análise das definições até então usadas por alguns autores que viam no lazer como um “estilo e qualidade de vida”, o “não-trabalho” e um “tempo-livre”. De forma sintética e pontual, Dumazedier (1974) define o lazer como o

... único conteúdo do tempo orientado para a realização da pessoa com fim último. Este tempo é outorgado ao indivíduo pela sociedade quando este se desempenhou, segundo as normas sociais do momento, de suas obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas. É um tempo que a redução da duração do trabalho e a das obrigações familiares, a regressão das obrigações sócio-espirituais e a liberação das obrigações sócio-políticas tornam disponível; o indivíduo se libera a seu gosto da fadiga descansando, **do tédio divertindo-se**, da especialização funcional desenvolvendo de maneira interessada as capacidades de seu corpo ou de seu espírito (DUMAZEDIER1974, p.91-92 – grifos meus).

Dessa forma, temos o lazer enquanto um período de tempo liberado das obrigações profissionais, familiares, religiosas e políticas em favor da realização pessoal. Pode ser um tempo destinado a recarregar as forças despendidas durante o expediente de trabalho, ou então um período reservado para a recreação e outras formas de entretenimento, ou ainda para a execução de atividades lúdicas, intelectuais e sociais que expressem as qualidades corporais e espirituais do sujeito. Entretanto, este tempo disponível não é resultado apenas da decisão do indivíduo, é primeiramente: “... o resultado de uma evolução da economia e da sociedade (...) é um novo **valor social** da pessoa que se traduz por um novo **direito social**, o direito dela de dispor de um tempo cuja finalidade é, antes, a **auto-satisfação**” (DUMAZEDIER, 1974, p.92 – grifos meus).

Esta liberação de tempo – explica o autor – só foi efetivada a partir das sociedades capitalistas, uma vez que nas sociedades anteriores não era possível desassociar o lazer das imposições e “obrigações institucionais” como o trabalho, os rituais religiosos ou ainda as manifestações culturais suscitadas pela comunidade*. Como este tempo é liberado principalmente – mas não exclusivamente – com respeito ao trabalho, Dumazedier distingue quatro períodos de lazer: 1. o lazer do fim do dia; 2. o lazer do fim de semana (*weekend*); 3. o

lazer do fim do ano (férias) e; 4. o lazer do fim da vida (aposentadoria). Destes quatro períodos de lazer, os dois primeiros tipos serão de grande valia para esta investigação, visto que, como veremos mais a diante, as festas universitárias dos estudantes da Unifal-MG se encaixam perfeitamente nestes dois contextos circunstanciais e temporais. Mas por hora, voltarei à explanação do conceito de lazer segundo o autor. Estes períodos de tempo livre são, pois, preenchidos – ou melhor, ocupados – por atividades físicas, intelectuais ou sociais. Assim sendo, Dumazedier prossegue:

Por ocasião destes períodos, o lazer concerne a um conjunto mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados: lazeres físicos, práticos, artísticos, intelectuais, sociais, **dentro dos limites do condicionamento econômico social, político e cultural de cada sociedade**. São tais atividades que iremos chamar de lazeres. Seu conjunto constitui o lazer. (DUMAZEDIER, 1947, p.92 – grifos meus).

Além desse conjunto de atividades referentes às necessidades do corpo e do espírito, o lazer apresenta quatro caracteres específicos e constitutivos dos quais na ausência destes o lazer não existiria. Dois são “negativos” com relação às obrigações impostas pelas instituições de base da sociedade – instituições profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas – e os outros dois “positivos” com relação às necessidades da personalidade dos sujeitos. São eles: 1. o caráter liberatório; 2. o caráter desinteressado; 3. o caráter hedonístico e; 4. o caráter pessoal. Vale ressaltar que o lazer pode apresentar muitas outras propriedades e muitas outras funções, podendo atuar como objeto a ser consumido, um serviço educativo ou tema de propaganda etc. Todavia, estes quatro aspectos são essenciais para a caracterização da atividade ou da ação enquanto atividade de lazer.

O lazer tem caráter liberatório (1) porque implica a liberação de certas “obrigações institucionais” de organismos sociais de base, como instituições profissionais (e aqui se subtende também as instituições escolares para os jovens que ainda não trabalham na vida ativa⁶), instituições familiares, instituições sócio-espirituais e sócio-políticas. Por se tratar de um fato social, o lazer está, em partes, submetido aos determinismos da sociedade, mas estes não interferem em sua essência e nem anulam o seu caráter de “livre escolha”. Tem caráter desinteressado (2) porque não apresenta fim lucrativo, utilitário, ideológico ou proselitístico de qualquer tipo. Quando fundamentado no lucro, a ação não é lazer, e sim profissão; quando o

⁶ Caso específico dos estudantes no geral e dos sujeitos desta pesquisa.

fim é utilitário, a obrigação é doméstica; quando ideológico ou proselitístico se trata de deveres políticos ou espirituais. Em suma, as ações desempenhadas no lazer não estão a serviço de fins materiais ou sociais mesmo quando os determinismos da sociedade pesam sobre elas, na tentativa de integração por parte daquelas instituições anteriormente citadas.

Positivamente, o lazer possui caráter hedonístico (3) porque está marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como “um fim em si mesmo”. É certo que a felicidade não se reduz ao lazer da mesma forma que a alegria não é resultado automático deste artifício social, “mas a procura do prazer, da felicidade ou da alegria é um dos traços fundamentais do lazer da sociedade moderna” (DUMAZEDIER, 1974, p.96). Assim, a busca pela satisfação é a condição primeira do lazer. Da mesma maneira, todas as funções manifestas do lazer expressadas pelos agentes respondem às necessidades do indivíduo frente às obrigações impostas pela sociedade. É exatamente isto que configura o caráter pessoal do lazer (4): “Ele está ligado à realização, encorajada ou contrariada, das virtualidades desinteressadas do homem total, concebido como um fim em si, em relação ou em contradição com as necessidades da sociedade” (DUMAZEDIER, 1974, p.96). Ele oferece ao sujeito a oportunidade de livrar-se do cansaço físico e psicológico que contraria o seu ritmo biológico natural; possibilita ao indivíduo livrar-se do tédio cotidiano proveniente de atividades repetitivas, oferecendo um universo no plano real ou imaginário de divertimento, autorizado ou interdito pela sociedade; e permite que a pessoa saia da rotina imposta pelas obrigações das instituições de base, abrindo um caminho para a superação de si mesmo e liberando o poder criativo do sujeito enquanto ser, seja em harmonia ou em contradição com os valores da civilização. Dumazedier conclui que

...o lazer mais completo é aquele que poderá satisfazer estas três necessidades do indivíduo e estas três funções fundamentais e irredutíveis entre si, mas em estrita inter-relação. Todo lazer que não oferece a alternância possível destes três gêneros de escolha é incompleto do ponto de vista das exigências específicas da realização da personalidade por si mesma, fora da rede de obrigações institucionais que a sociedade moderna propõe ou impõe. (DUMAZEDIER, 1974, p.97).

Termino assim a exposição dos dois conceitos teóricos escolhidos a priori para a reflexão do objeto de pesquisa de acordo com a hipótese inicial. É certo que muitos outros conceitos e até mesmo outros autores poderiam ser chamados para esta discussão, mas acredito que as contribuições teóricas de Simmel e Dumazedier acerca das temáticas da sociabilidade e lazer, respectivamente, já serão suficientes para tratar destes aspectos específicos do objeto de investigação e confirmar – ou não – se as festas universitárias dos estudantes da Unifal-MG

podem ser interpretadas como meios de interação e entretenimento próprios dos jovens discentes desta universidade.

Sem mais delongas, é chegada à hora de abordar mais precisamente sobre os eventos estudantis que acompanhei durante este período de pesquisa, dando enfoque especial às festas universitárias, estágio último dos eventos universitários organizados pelos estudantes desta instituição. Esta parte do trabalho é fundamental para colocar o leitor a par das diferentes formas de lazer e sociabilidade estudantil dos estudantes da Universidade Federal de Alfenas.

2. DOS “ROLÊS” ESTUDANTIS ÀS FESTAS UNIVERSITÁRIAS

De acordo com as minhas observações e registros realizados nestes trinta e seis meses de trabalho de campo, pude identificar três tipos de eventos organizados pelos estudantes da Unifal-MG e que, como mostrarei mais adiante, exprimem três formas e momentos singulares de sociabilidades e de lazes dos jovens estudantes desta instituição: os “rolês⁷ estudantis”, as “festas de república” e as “festas universitárias”.

2.1. Os “rolês” estudantis

Os “rolês estudantis” são pequenos encontros de estudantes realizados em suas próprias residências (casas, apartamentos, pensões etc.) no intuito de reunir os amigos e outros discentes para beber, petiscar comidas, cantar e ouvir música, paquerar, trocar experiências da vida universitária, entre outras coisas. São reuniões informais nas quais não há a preocupação exarcebada com “formalismos”, “cerimoniais” e nem mesmo com a “ vaidade estética”, tendo como foco central a “integração entre os participantes”. Nesta reunião é feito um “rateio coletivo e igualitário” em que tudo o que se angaria com a arrecadação é prontamente revertido na compra de bebidas, comidas e demais itens para o consumo dos envolvidos. Todavia, é possível também que os “donos do rolê” – organizadores destes encontros – peçam para que os convidados levem seus próprios “gorós⁸” e “rangos⁹” para consumo individual, dispensando o rateio no momento da reunião. No geral, todos os participantes apresentam algum vínculo de relação ou com os organizadores do rolê ou com algum dos convidados presentes no encontro. Entretanto, mesmo diante deste critério de proximidade, há de vez em quando os “penetras do rolê”, estudantes não convidados pelos organizadores e que tentam de todas as formas adentrar descarada ou clandestinamente nestas reuniões particulares.

⁷ A expressão “rolê” – gíria que se popularizou nos últimos anos através dos noticiários dos meios de informação de massa – remete aos encontros marcados entre jovens das classes populares em *shoppings* e em lugares públicos como praças, ruas, esquinas, entre outros.

⁸ Gíria: bebidas.

⁹ Gíria: comidas.

Estas reuniões geralmente não mobilizam mais que cinquenta estudantes devido à limitação espacial dos interiores das residências estudantis. Por isto, os rolês são eventos organizados para poucos convidados. A “atmosfera” do encontro é de extrema descontração e “flexibilização” dos deveres e obrigações dos participantes, inclusive daquelas naturalmente atribuídas aos anfitriões da casa: são os próprios convidados que se servem com os copos, as bebidas, comidas e demais itens, distribuindo-se por todo o ambiente da maneira como bem entenderem. Esta maleabilidade é sentida ainda no “nível de tolerância” quanto ao volume e à qualidade dos produtos oferecidos, nas formas de distribuição dos serviços e na informalidade de disposição dos equipamentos. Estas reuniões podem ser marcadas com antecedência pelos organizadores ou então realizadas espontaneamente, sem qualquer tipo de agendamento e a qualquer dia da semana, sem hora fixada para o seu encerramento¹⁰.

Um dos principais pontos de fomentação destes rolês, quando espontâneos, se dá nas proximidades do “Comercial Alves”, um estabelecimento comercial próximo à Unifal-MG que comercializa bebidas, produtos de conveniência e de consumo rápido como biscoitos, salgadinhos, sorvetes, doces, itens para churrasco, entre outros. Todas às tardes e noites logo após o fim do período de aulas os estudantes se encontram na esquina do estabelecimento para conversar, beber, compartilhar novidades, trocar informações acerca das disciplinas e experiências da vida universitária, aglomerando-se em vários grupos, cada qual com seus pares de afinidade e de relação (colegas de classe, curso, república, grupo de amigos etc.). A rotatividade é grande e há um fluxo constante de troca e inserção de novos personagens nestes grupos. As “rodinhas de amigos” só se desfazem permanentemente quando o estabelecimento comercial começa a dar sinais de encerramento do expediente de atendimento – às 22h30min, aproximadamente – forçando aqueles que não têm pretensões de continuar a conversa a irem embora para as suas casas. É exatamente nessa hora que começa os burburinhos entre os estudantes interessados em estender a farra, uma verdadeira “bolsa de valores” com vários agentes “especulando” em qual lugar investir: “onde é que será o rolê? (sic)”.

Antes de prosseguir com este trabalho, é preciso pontuar uma coisa. Há um outro tipo de confraternização que pode ser facilmente confundido com os rolês estudantis, mas que em essência é diferente. Refiro-me aos “*happy hours*”¹¹. Estes tipos de encontros são confraternizações informais entre colegas de trabalho e de estudo realizadas em bares, botecos,

¹⁰ Normalmente, o rolê só acaba no momento em que se encerram a distribuição das bebidas.

¹¹ <http://www.significados.com.br/happy-hour/>

restaurantes, enfim, em diversos “estabelecimentos comerciais” após o expediente das atividades profissionais e acadêmicas. Na linguagem estudantil cotidiana é muito comum ouvir alguns estudantes se referirem as estas e outras confraternizações como “rolês”, mas é preciso ter o claro entendimento de que o rolê estudantil ao qual me refiro é o encontro de estudantes realizado única e exclusivamente nas residências universitárias: qualquer outro tipo de reunião fora deste contexto de limitação espacial se trata de coisa diferente do objeto e da proposta de investigação desta pesquisa. Nos rolês estudantis não há qualquer tipo de intermediação comercial ou interferência de outros atores alheios ao círculo de relação dos jovens estudantes desta instituição.

Os principais rolês que eu pude presenciar neste período de investigação são: o rolê da República Alcatraz, rolê da República Bartira, rolê da República Cativoiro, rolê da República Coqueiro, rolê da República Hospício, rolê da República Mãe Joana (organizadora do extinto evento “Fechando a Rua”), rolê Movimento Farma (república feminina da Farmácia), rolê da República Sohnaquia, rolê da República Taj Mahal, rolê da República Vale do Silício, rolê da República Vira-Copos, entre outros inúmeros encontros de repúblicas e residências estudantis de menor expressão.

2.2. As festas de república

As “festas de república”, por sua vez, são eventos mais formalizados e que exigem planejamento prévio para sua realização. Tratam-se de festividades igualmente organizadas pelos próprios estudantes e realizadas nas residências universitárias, com exceção dos apartamentos¹², casas familiares¹³ e pensionatos que normalmente possuem cláusulas de proibição em seus estatutos e contratos de locação para tais atividades. Estes eventos são maiores que os “rolês estudantis”, tanto em estrutura física e logística quanto em número de frequentadores, mobilizando em torno de cem até trezentos participantes de acordo com a

¹² Até o final do ano de 2009, em um prédio bem próximo à universidade, os estudantes que lá moravam frequentemente organizavam rolês e festas que chegavam a tomar todos os andares do prédio, tanto que o tal edifício ficou popularmente conhecido como o “predinho da bagunça”. Na metade do ano de 2010, no entanto, o proprietário do imóvel decidiu proibir permanentemente os rolês e as festas nos apartamentos devido a uma série de reclamações dos vizinhos por causa do barulho.

¹³ São casas de famílias residentes do município que alugam quartos e edículas para os estudantes. Esta modalidade de locação é majoritariamente voltada para as moças.

capacidade da república. Naturalmente, as festas de “rep.” utilizam todos os espaços físicos da residência, salvo os cômodos mais restritos da casa. Ao invés do tradicional rateio coletivo, há a “cobrança de entradas” na “portaria” da festa ou então a “venda de ingressos” antecipados pelos próprios organizadores/moradores da república. Apenas uma parte do montante da arrecadação é revertida na compra de itens e produtos de consumo para serem distribuídos durante o evento, tendo a outra parte destinada para o uso particular dos organizadores.

As festas de república acontecem aos finais de semana, principalmente aos sábados na parte da tarde e começo da noite, tendo início entre 15 h e 18 h, mas podem ocorrer também em menor número durante a semana, sobretudo às terças e quintas-feiras, a partir das 18 h. Estes eventos são majoritariamente abertos a todos os públicos¹⁴, independente de curso ou vínculo de relação com os organizadores. Diferentemente dos encontros informais, as festas de república apresentam uma série de elementos que raramente são vistos nos rolês, tais como “itens decorativos” para ornamentar os ambientes, uma “estrutura de sonorização” mais apropriada para apresentações musicais, “serviços de bebidas diferenciados” para além do tradicional trio “*vodka*, cerveja e refrigerante”, entre outras coisas. No geral, estes novos elementos e ações de ampliação dos serviços e atrativos distribuídos durante a festa são medidas que visam despertar o interesse de participação e mobilizar mais estudantes, correspondendo às novas objetivações utilizadas pelos organizadores para a realização das festas estudantis: “a arrecadação de fundos para fins específicos” e “a busca de popularidade na sociedade discente”.

É válido dizer que muitos organizadores justificam a busca do excedente da arrecadação como forma de “prevenção”, “compensação” ou mesmo “ressarcimento” pelos possíveis furtos¹⁵ e prejuízos advindos das avarias da mobília e do prédio causados pelos frequentadores durante o evento, o que não deixa de ser verdade uma vez que o número de participantes da festa é sempre proporcional ao volume de sujeira e de estragos nas repúblicas estudantis. De qualquer forma, tais justificativas não descaracterizam a intenção da arrecadação de fundos para uso particular dos organizadores. Quanto à busca pela popularidade na sociedade estudantil, é

¹⁴ Há pouquíssimas edições “fechadas” ou mesmo “direcionadas” para estudantes de determinados cursos ou seguimentos, e mesmo nestes casos em que há a restrição – ou tentativa de restrição – do público do evento em especial, quase nunca ela é levada às últimas consequências, pois sempre se observa uma série de “exceções” como a venda de entradas e ingressos para “amigos próximos”, “companheiros de república”, “parceiros e parceiras afetivos” e, principalmente, quando se faz necessário a abertura da portaria para todos os públicos no intuito de angariar fundos suficientes para cobrir os gastos e investimentos feitos para a realização da festa.

¹⁵ Na maioria das vezes não se tratam de furtos de produtos ou bens de alto valor, mas sim de objetos como canecas – principalmente – faixas, utensílios de tabacaria (narguilés, cinzeiros, isqueiros...), cones e placas de sinalização, enfim, objetos típicos de repúblicas estudantis.

fato amplamente reconhecido entre os próprios estudantes que as festas de “rep.” propiciam em muito o reconhecimento e prestígio social entre seus pares, tanto que esta corrida pela notoriedade acabou por instalar uma “disputa interna” entre os discentes da Unifal-MG pelo “título simbólico” de melhor evento estudantil organizado no semestre. Dessa forma, os organizadores tentam mobilizar o maior número possível de participantes no intuito de fazer a festa “bombar¹⁶” e assim conquistar fama e boa reputação, tanto para a república quanto para seus moradores, além de garantir uma posição privilegiada no circuito de festas da universidade.

No entanto, a cobrança de entrada e/ou ingresso na portaria da república – ainda que a um valor bem mais razoável e acessível que o cobrado nas boates, danceterias e demais casas de entretenimento do município¹⁷ – acabou por modificar a “atmosfera” do evento: durante as festas de república há uma nítida cobrança dos frequentadores pela correspondência dos serviços, das atrações e demais atrativos distribuídos em relação ao valor pago no ingresso. Neste sentido, os organizadores das festas de “rep.” têm o “dever” de retornar minimamente o valor investido no bilhete pelos frequentadores através do oferecimento de serviços, atrações e bens de consumo – simbólicos e concretos – que justifiquem o preço do convite. Esta exigência de “retorno mínimo” é fundamental para a aprovação e consolidação do evento entre os estudantes da universidade e o não cumprimento desta expectativa certamente comprometerá a imagem da festa e dos organizadores, trazendo-lhes má reputação e inviabilizando a possibilidade de reedições futuras destes mesmos eventos tidos como “insatisfatórios”.

Esta é, portanto, a dinâmica estrutural das festas de repúblicas. Mas antes de passarmos para o terceiro e último tipo de evento universitário investigado, um acontecimento importante merece nossa atenção, pois ele foi fundamental para promover, de fato, o terceiro momento de sociabilidade e lazer dos jovens estudantes desta universidade: a promulgação da lei municipal nº 4.526, de 2 junho de 2014, mais popularmente conhecida como a “lei do sossego¹⁸”. Esta polêmica lei regulamentada pelo Decreto nº 1.109, de 25 de julho de 2014, instaurou punições severas para os locatários que utilizarem imóveis exclusivamente residenciais para a realização de festas ou eventos de qualquer natureza no intuito de angariar lucros e que produzam emissão sonora acima do limite permitido ou fora do horário estabelecido pela legislação municipal. Em caso de descumprimento da lei, as penalidades variam de 20 a 40 “Unidades Fiscais Padrão de

¹⁶ Gíria: lotar, encher.

¹⁷ Segundo os relatos dos próprios estudantes como veremos no próximo capítulo.

Alfenas” – UFPAs – na primeira e segunda ocorrências, respectivamente, o que corresponde a R\$2.960,20 e R\$ 5.920,40, podendo ser cumulativas. Na terceira reincidência a penalidade pode chegar a 80 UFPAs (R\$ 11.840,80) implicando ainda na interdição do imóvel por até um ano.

Apesar de não ser citado diretamente no texto, esta proposição legislativa criada por um dos vereadores da cidade tem como objetivo principal “inibir” a realização das festas de república organizadas pelos estudantes dentro do município. Tal iniciativa teve justificativa a partir dos vários boletins de ocorrências registrados pelos moradores do bairro Vila Teixeira contra as festas e rolês realizados pelos estudantes da Universidade José Velano (Unifenas)¹⁹. Os excessos dos estudantes – sobretudo os da universidade particular – são inegáveis, mas é inegável também o fato de que a lei foi elaborada de forma unilateral, pois não houve a notificação e nem o debate com quaisquer órgãos de representatividade discente de ambas as universidades. A meu ver, a “lei do sossego” pode ser pensada como a “institucionalização legal” da tensão intergeracional entre adultos e jovens universitários. Tal ação acabou por inviabilizar quase que por completo a realização das festas de república dentro do perímetro urbano da cidade, uma vez que, constatada a venda de entradas e ingressos ou emissão sonora acima do limite e horários permitidos, basta uma denúncia – anônima, aliás – para que a polícia ocorra na residência estudantil para fazer a autuação dos responsáveis pelo evento (válido também para os rolês, caso estes extrapolem os pontos supracitados).

É verdade que antes mesmo da “lei do sossego” entrar em vigor, muitos organizadores das festas de república da Unifal-MG já haviam começado a transferir os eventos estudantis para salões de eventos²⁰, galpões, sítios e chácaras fora da cidade no intuito de mobilizar mais frequentadores e arrecadar mais dinheiro (uma vez que as repúblicas já estavam demasiadamente pequenas para comportar a demanda de interessados) e de quebra evitar atritos com os vizinhos e problemas com a polícia. Atualmente, pouquíssimas festas de república continuam sendo realizadas dentro do município e estas só são possíveis mediante a negociação

¹⁹ O estopim para a decisão de criar esta lei aconteceu após a realização de um “esquentão” (prévia) para um dos megaeventos promovidos no município em meados de 2014, em uma das repúblicas mais tradicionais da Unifenas, localizada no bairro Vila Teixeira. Apesar da festa ter acontecido dentro da república, o número de interessados em participar da festividade era infinitamente maior ao suportado pela residência, o que fez com que os participantes que não conseguiram adentrar na festa se aglomerassem na frente da república. O resultado disto foi a tomada de três quarteirões e a interdição de todas as ruas próximas à residência. A estimativa da PM é de que aproximadamente 1200 pessoas estiveram presentes na noite de 20/04/2014.

²⁰ O município de Alfenas conta com apenas dois salões de eventos dentro do perímetro urbano devidamente regularizados e que aceitam receber os eventos estudantis: o “Espaço Colibri”, localizado no bairro da Chapada (periferia da cidade) e no espaço “Arca de Noé”, próximo à entrada do município.

e o cumprimento de uma série de exigências colocadas pela vizinhança da república que vão desde a realização do evento dentro de um horário estipulado (normalmente com início na parte da tarde até no máximo 22 h), o comprometimento na não-extrapolação do limite de som proposto e até a garantia da limpeza das intermediações onde localiza a residência estudantil. Fora destes casos excepcionais, entretanto, é cada vez mais rara a realização de festas de república nas residências universitárias, estando mesmo fora de cogitação pelos organizadores. Em suma, a “lei do sossego” consolidou de fato uma nova era na organização dos eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG.

Até antes da dita lei, as festas de repúblicas mais concorridas eram: a “Alcatraz Pool Party”, da República Alcatraz, a “Alucinados”, da República RepublicAço, a “Butano na Bureta”, da República Bartira, o “Forrozão” e o “Pagodão da Coqueiro”, da República Coqueiro, o “Pancadão da Cativeiro”, da República Cativeiro, a “Quartaneja da Sohkaminha”, da República Sohkaminha, e outras festas de repúblicas de menor “tradição” no circuito de festas dos estudantes da Unifal-MG.

2.3 As festas universitárias

As “festas universitárias”, enfim, são o ápice do processo de racionalização e profissionalização dos eventos estudantis dos discentes da Unifal-MG. São festas organizadas por diferentes grupos que podem ser compostos por estudantes: a) de um mesmo curso (independentemente do período de graduação); b) de cursos diferentes, mas de um mesmo período (na maioria das vezes, estudantes de uma comissão de formatura “conjunta”); c) de uma mesma turma/classe (geralmente, a própria comissão de formatura); d) de uma mesma república estudantil (tendo uma maior variedade de estudantes, cursos e períodos de graduação) e; e) de grupos de estudantes amigos ou coletivos estudantis (dos mais variados cursos e períodos, repúblicas, agrupamentos e das mais diversas causas, sociais ou particulares).

Estas festas apresentam um “quadro de planejamento” inspirado nos eventos profissionais do entretenimento desenvolvidos na cidade. Elas seguem a mesma lógica temporal das festas de república, ocorrendo, sobretudo, às quintas-feiras e sábados, com algumas edições bem pontuais e específicas noutros dias. Normalmente, as festas universitárias realizadas durante a semana acontecem na parte da noite, entre 19 h e 23 h, enquanto que aquelas realizadas aos sábados acontecem à tarde e começo da noite, entre 15 h e 18 h. São festividades

abertas a todos os públicos, entre estudantes e não-estudantes, frequentadas em maior número por graduandos da universidade, por estudantes da universidade particular (Unifenas) e por alguns jovens moradores do município de Alfenas.

Ao contrário dos rolês e das festas de república, estes eventos são realizados em salões e galpões apropriados para eventos de médio porte, ou então em chácaras e sítios afastados do perímetro urbano²¹ capazes de comportar mais de mil participantes, abrindo a possibilidade para arrecadações maiores que as festas de “rep.”. São eventos que necessitam obrigatoriamente de mais ações e investimentos para sua realização, tais como a locação de “estruturas de sonorização” mais completas para as atrações artísticas (mais profissionais que as típicas “atrações amadoras” dos rolês e festas de república), a contratação de “equipes de segurança” para garantir a salvaguarda dos frequentadores, o recrutamento de “ajudantes”²² para auxiliar na montagem dos bares e no preparo das bebidas, o aluguel ou compra de “elementos decorativos” para a caracterização dos ambientes (segundo os “conceitos temáticos” utilizados) e até mesmo a negociação com “comissários” e “*promoters*”²³ para divulgação e venda dos ingressos da festa. Enfim, todos estes investimentos são necessários para dar conta da realização da festividade e também para despertar a intenção de participação dos frequentadores.

As festas universitárias apresentam uma atmosfera mais “impessoal” e um quadro estrutural bem definido, a saber: 1. “comissão organizadora”, que são os membros responsáveis por organizar, gerenciar e garantir a realização dos eventos de acordo com as “objetivações” previamente estabelecidas; 2. o “formato”, que é o conjunto de instâncias estruturais que definem os “critérios de entrada”, o “público-alvo”, os tipos de “serviços que serão prestados” e o “tempo de duração do evento”; 3. a “temática”, que se trata do conjunto de elementos simbólicos e concretos que destacam um “tema” como pano de fundo para a festa, sugerindo as “atrações artísticas”, a “decoração” do ambiente e até mesmo o “local da festividade”, e por fim; 4. a “publicidade”, que envolve todos os meios de informação utilizados para divulgar os eventos universitários, sejam eles “agentes de propagação” (comissários e promoters),

²¹ As principais chácaras e sítios onde correm as festas universitárias são a “Chácara Amarela” (BR 491, próximo ao município de Paraguaçu), a “Chácara Cascatinha” (BR 491, próximo ao Motel Sândalo), a “Chácara do Cristo” (BR 491, próximo ao município de Serrania), a “Chácara Felicidade” (Distrito Industrial), o “Sítio da Gelocar” (MG 179), e a “Chácara do Toco” (BR 491, em frente ao Motel Sândalo).

²² Normalmente os próprios “agregados” da república e outros estudantes próximos dos organizadores.

²³ Sujeitos que trabalham como representantes de casas noturnas, boates e outros estabelecimentos similares, atuando na divulgação e promoção dos eventos organizados por estes empreendimentos do lazer. Nesta investigação se observou que estes profissionais podem ser os próprios estudantes da universidade ou até mesmo outros indivíduos alheios à academia.

“atividades & ações promocionais” ou a ação diretas de “apoiadores e/ou patrocinadores” das festas estudantis.

Dada estrutura é resultado daquilo que eu entendo como o “processo de profissionalização das festas estudantis²⁴”, movimento este fomentado por aquela objetivação utilizada pelos organizadores que já se evidenciava nas festas de república, mas que agora se manifesta com toda a sua potencialidade: a “busca pelo lucro”. De forma sintética, esta racionalização dos eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG foi responsável pela transformação das “reuniões informais” (a) entre estudantes com algum vínculo de relacionamento pessoal (a.1), mediante a realização de rateio coletivo e igualitário entre todos os membros (a.2) e com o investimento integral da arrecadação (a.3) na compra de produtos para consumo coletivo durante tempo indeterminado (a.4) em “reunião organizada” (b) com a presença de estudantes e sujeitos muitas vezes estranhos entre si (b.1), mediante o pagamento de entrada ou ingresso (b.2) e com o investimento parcial do montante arrecadado (b.3) para compra de itens de consumo para usufruto dos pagantes durante um tempo determinado (b.4), tendo a outra parte da arrecadação destinada aos organizadores do evento.

Como citado no começo desta seção, os diferentes grupos de estudantes que organizam as festas universitárias – as “comissões organizadoras” – tem como objetivo central a “arrecadação de fundos para fins específicos”. Segundo minhas observações e análises das respostas dos questionários e das entrevistas feitas com os próprios estudantes, penso que o processo de racionalização dos eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG foi desencadeado por dois fatores em especial: o primeiro se refere ao aumento da procura dos estudantes por programas de lazer alternativos para os finais de noite e de semana, e este aumento está relacionado, por sua vez, ao próprio aumento dos cursos oferecidos pela universidade; o segundo fator se refere à “tomada de consciência” de que os eventos universitários poderiam ser instrumentos propícios para se angariar dinheiro, principalmente quando temos a inserção de diferentes agrupamentos estudantis com os mais diferentes fundamentos e interesses, entre eles: as “comissões de formatura”, as diretorias de “atléticas” e dos “centros acadêmicos”, os vários “grupos culturais” e demais “coletivos estudantis” que

²⁴ Por falta de tempo hábil, não poderei discorrer mais detalhadamente sobre este processo de profissionalização dos eventos universitários dos estudantes desta instituição. Mas é notável e surpreendente as transformações estruturais e sociais que tal processo imprimiu, tanto na forma de organização quanto nas relações estabelecidas entre organizadores e frequentadores destas festividades. Com sorte, talvez um dia eu possa retomar a discussão ou algum outro pesquisador da universidade possa investigar mais profundamente o tema afim de prosseguir com a breve introdução que fiz neste trabalho.

surgiram a partir da massificação e ampliação da universidade, entre outros. Dessa forma, as festas passaram a ser organizadas não apenas pelos moradores de república, mas também por outros grupos independentes que buscam angariar fundos para os mais diversos fins.

Antes de encerrar este capítulo, é válido destacar que muitos dos rolês estudantis organizados pelos estudantes da Unifal-MG não “evoluíram” para festas de república, da mesma forma que nem todas as festas de “rep.” chegaram a se tornar festas universitárias propriamente ditas. Mas é evidente que todos os eventos que passaram por este processo de desdobramento o fizeram para atender às mudanças estruturais suscitadas tanto pelos “novos objetivos” das comissões organizadoras quanto pelas “novas exigências” e demandas dos frequentadores, acabando por consolidar “modelos” concretos de como fazer festa estudantil, sendo estas “fórmulas” reproduzidas desde então pelos demais estudantes. Da mesma maneira, aquelas objetivações supracitadas – “integração dos participantes”, “busca pela popularidade na sociedade discente” e “arrecadação de fundos para fins específicos” – de maneira alguma são excludentes entre si, muito pelo contrário, elas são complementares e somente é possível vislumbrar esta ou aquela quando analisadas no contexto do evento.

A busca pela integração dos participantes é característica presente nos três tipos de festas, mas é mais marcante nos rolês uma vez que não há – e nem pode haver – a arrecadação de dinheiro para uso particular dos “donos do rolê”. Todo o montante arrecadado no rateio é investido integralmente na compra de produtos para o uso coletivo dos convidados. Da mesma forma, a busca pela popularidade entre os estudantes é desejável tanto pelos organizadores das festas de “rep” quanto os das festas universitárias, mas é mais evidente nestas primeiras, pois funciona principalmente como meio de promover a reputação da república e de seus moradores na sociedade discente. Por fim, a intenção de lucro é aspecto comum tanto nas festas de república quanto nas festas universitárias, mas é exponencialmente maior nestas últimas uma vez que há uma série de outras configurações de comissões organizadoras que buscam a arrecadação de capital para os mais diferentes objetivos, seja o custeamento parcial de jornadas, simpósios, congressos e das festividades de formatura, a aquisição de equipamentos para as agremiações e atléticas, a reforma das residências universitárias ou mesmo para a compra de bens para uso particular dos envolvidos.

Sendo assim, temos a resposta para a nossa primeira indagação: “Por que os jovens estudantes organizam festas?”: porque os três tipos de festividades visam satisfazer objetivações pontuais e de ordem prática, sejam como espaços de integração e recreação para os participantes, ou meios de promoção das identidades da república e de seus moradores na

sociedade discente ou ainda como formas de arrecadar capital para fins específicos para as comissões organizadoras. Cabe agora buscar entender o que estes eventos têm de tão significativo para os jovens estudantes e confirmar – ou não – se os eventos universitários podem ser compreendidos como meios de socialização e de entretenimento específicos dos estudantes da Universidade Federal de Alfenas.

3. SOCIABILIDADE, LAZER E CULTURA JUVENIL NOS EVENTOS UNIVERSITÁRIOS DOS ESTUDANTES DA UNIFAL-MG.

Antes de começar a reflexão e articulação teórica dos conceitos de sociabilidade e lazer com os eventos estudantis investigados, farei uma breve contextualização da conjectura dos sujeitos da pesquisa e do meio no qual eles estão inseridos.

O campus sede da Universidade Federal de Alfenas oferece vinte e dois cursos de graduação nas áreas de biológicas, exatas e humanas. Logo, a instituição acolhe um elevado número de estudantes durante todos os períodos do dia, entre cursos matutinos, vespertinos, integrais e noturnos. Mesmo no ambiente formal e movimentado da universidade é possível observar os discentes interagindo nos curtos períodos de tempo liberados de uma disciplina à outra – as chamadas “janelas de aula” – ou durante o intervalo geral propriamente dito, caminhando pelo campus e corredores da instituição ou então se reunindo nos banquinhos da cantina, nos degraus da escadaria do prédio “V”, no espaço de vivência do palquinho, nos entornos da biblioteca e outros espaços. São agrupamentos dos mais diversos recortes, como colegas de classe, grupos de amigos, membros de um mesmo projeto ou pesquisa, moradores e “agregados” de uma mesma república, integrantes de um mesmo conjunto esportivo ou coletivo estudantil, entre outras inúmeras configurações possíveis. Acontece que estas interações intra institucionais²⁵ naturalmente estão fadadas à limitação temporal e espacial da instituição e pela própria dinâmica da graduação de cada indivíduo, o que acaba por reduzir o campo de atuação e socialização destes sujeitos neste contexto. É fora deste ambiente formal e sério da academia, portanto, que as interações estudantis certamente se manifestarão na sua totalidade e plenitude. A partir deste pressuposto, decidi investigar as interações discentes que se realizaram no âmbito “extra institucional”, mais precisamente nos encontros desenvolvidos nas repúblicas e demais residências estudantis e nos eventos universitários organizados em espaços específicos para festas ou em chácaras e sítios localizados fora do perímetro urbano da cidade.

Os estudantes desta pesquisa são sujeitos em sua maioria jovens naturais de outros municípios, de outras regiões ou mesmo de outros Estados, residindo na cidade de Alfenas para cursar a modalidade de graduação de sua escolha. Ou seja, são jovens que se encontram longe da casa de seus pais e de sua cidade-natal, experimentando as dificuldades de morar sozinho

²⁵ Tratarei das interações intra e extra institucionais mais pontualmente na seção que se segue.

(em quitinetes, apartamentos e pensionatos) ou em grupos (repúblicas estudantis), de gerenciar seu próprio tempo, sua agenda de deveres e obrigações e de controlar o orçamento doméstico, além dos desafios próprios da formação acadêmica. O fato de “morar fora da casa dos pais” por si só já se configura como um importante dado a ser destacado: todos os encontros particulares investigados – ou seja, os rolês estudantis – se fizeram nas residências dos estudantes naturais de outras cidades e regiões, estando longe, portanto, do convívio e do controle familiar.

Não pretendo com isso refutar a possibilidade da realização de encontros de estudantes nas casas dos universitários que residem no município com seus pais e familiares. Estes encontros, ainda que escassos, ocorrem concomitantemente com os demais, mas a meu ver estas reuniões em especial não podem ser consideradas como “rolês estudantis”, pois normalmente se realizam sob uma série de limitações e condicionamentos que vão de encontro às características fundamentais dos rolês descritos nesta monografia. Para exemplificar, entre as limitações impostas, destaco a obrigatoriedade de “aviso prévio” e do “consentimento” dos adultos responsáveis para a realização da reunião, a “negociação dos termos de uso da residência” e o estabelecimento de um “horário-limite” para o encerramento da confraternização. Ou seja, são intermediações que contrariam diretamente a “espontaneidade” dos encontros particulares e a “autonomia dos seus participantes”, aspectos tão singulares dos rolês enquanto tal. Mas a interferência maior mesmo se dá no âmbito dos comportamentos dos estudantes diante da “presença dos adultos”.

Segundo os próprios relatos dos discentes²⁶, todos os eventos universitários investigados se apresentaram como momentos de experimentação e vivência de uma realidade totalmente diversa daquela que os jovens estudantes estão habituados a viver em sua cidade natal e dentro do convívio familiar. São ocasiões nas quais estes sujeitos passam a ter maior autonomia e “liberdade” para fazer suas próprias escolhas, de gerenciar sua própria vida ou mesmo de desempenhar papéis e comportamentos que extrapolam aqueles que são do conhecimento de seus pais e responsáveis, sendo ainda ambientes propícios para o contato – muitas vezes inédito – com certas práticas e experiências juvenis que em outros contextos seriam reguladas, desaprovadas ou mesmo proibidas pelos adultos, como por exemplo, a ingestão livre e desimpedida de altas doses de bebidas alcoólicas, a expressão e o debate de ideologias políticas, religiosas e culturais parcial ou totalmente contrárias às do núcleo sócio-familiar do estudante, e a oportunidade da livre experimentação da sexualidade, indo desde a ampliação substancial

²⁶ Coletados durante o trabalho de campo e em conversas informais estabelecidas nos três eventos investigados.

do número de relacionamentos afetivos – principalmente os momentâneos, mais conhecidos como “ficadas” – até mesmo a manifestação e expressão de comportamentos homoafetivos nos casos dos estudantes homossexuais não assumidos²⁷ para seus pais e familiares.

Em suma, a ausência dos adultos parece ser condição fundamental para a livre experimentação e expressão de certas práticas e de alguns tipos de comportamentos durante a socialização operada nos eventos universitários – principalmente, mas não exclusivamente, nos rolês estudantis. Em outras palavras, os eventos universitários organizados pelos estudantes são espaços “estritamente juvenis” e qualquer presença “estranha” a este meio pode constranger e inibir as ações, as escolhas e a naturalidade dos comportamentos dos usuários. É sobre esta perspectiva que começarei agora, de fato, a relacionar os espaços criados nos eventos universitários como meios de socialização e entretenimento específicos de um grupo – os jovens estudantes da Unifal-MG – e relacioná-los aos conceitos teóricos escolhidos *a priori* para esta investigação, a começar pelo conceito de sociabilidade apresentado pelo sociólogo alemão Georg Simmel. Para isto, utilizarei alguns dados extraídos das análises dos questionários aplicados com os organizadores e frequentadores dos eventos estudantis e de alguns fragmentos das entrevistas realizadas com os estudantes e ex-estudantes da universidade.

3.1. Os eventos universitários como espaços de sociabilidade

Os jovens estudantes da Universidade Federal de Alfenas, como quaisquer outros indivíduos, são sujeitos dotados dos mais diversos objetivos, desejos, sonhos, valores, anseios, motivações, enfim, dos mais variados tipos de “conteúdos”. A respeito do que revelou Simmel em seu livro “Questões fundamentais da sociologia” (2006), quaisquer que sejam os conteúdos, por si sós, não são sociais: só são “matérias da sociação” quando mediatizam “formas” concretas entre os sujeitos de estar para e com os outros em direção à realização daqueles mesmos interesses igualmente partilhados. Visto isso, os jovens estudantes se veem “impulsionados” a realizar uma série de sociações das mais variadas formas para satisfazer as

²⁷ Há muitos relatos de estudantes que não tem a coragem de assumir a sua sexualidade frente seus parentes e familiares, e os eventos universitários – principalmente os rolês, visto o seu caráter de evento particular – aparecem como oportunidades de vivenciar estas experiências.

suas necessidades e objetivos, consolidando assim “unidades sociativas” em torno destes conteúdos em comum.

Como dito na primeira seção deste capítulo, durante esta investigação pude observar dois conjuntos de sociações discentes que se realizaram em âmbitos distintos, porém complementares: as sociações “intra institucionais” e as sociações “extra institucionais”. As primeiras sociações²⁸, assim como sugere o termo, são operadas dentro dos limites espaciais e temporais da academia e no geral respondem diretamente às diretrizes da própria instituição, às dinâmicas dos cursos de graduação dos estudantes²⁹ e às próprias demandas dos órgãos e agremiações discentes, “obrigando-os” a estabelecerem relações pontuais uns com os outros para a satisfação destes e de outros conteúdos em comum e para o cumprimento de certas atividades pedagógicas de ensino.

As segundas sociações³⁰, por sua vez, são operadas fora da universidade e parte delas respondem diretamente às questões vitais e de ordem prática como moradia, alimentação, transporte, aquisição de materiais de estudos, entre outras coisas. Em resumo, estas sociações são fundamentais para a garantia das condições básicas de acessibilidade, manutenção e permanência de grande parte dos estudantes durante o tempo de graduação acadêmica. Diante desta dupla conjunção, aponto as sociações realizadas pelos discentes em resposta às demandas internas e externas à universidade como parte daquilo que eu entendo como a “dinâmica da vida universitária” dos estudantes da Universidade Federal de Alfenas.

Esta dinâmica, a meu ver, é responsável por fomentar e estabelecer os primeiros contatos interpares entre os jovens alunos, favorecendo a criação de uma rede básica de sociação e de relacionamento que se pauta, em primeira instância, na busca objetiva pela satisfação daquelas duplas demandas (ou conjunto de conteúdos) que a compõem, implicando em sociações mais ou menos “regulares” e “compulsórias³¹” para muitos discentes. Entretanto, mesmo diante

²⁸ As “formas” mais básicas destas sociações intra institucionais podem ser exemplificadas nos seminários e nos trabalhos coletivos realizados dentro das salas e laboratórios de aulas e as atividades extracurriculares e interdisciplinares desenvolvidas nos projetos de pesquisa e de extensão universitária.

²⁹ De acordo com Simmel, a “ciência” enquanto “conteúdo autonomizado” em si mesmo responde única e exclusivamente as suas próprias necessidades internas.

³⁰ As repúblicas e demais residências estudantis com os seus esquemas de “divisão dos gastos domésticos”, os grupos de estudantes que “fretam mensalmente transportes especializados” (vans, micro-ônibus, etc.) ou que “dividem a gasolina” de veículos particulares, as turmas que fazem “compras coletivas” de livros, materiais didáticos e instrumentais clínicos, enfim, todas estas atividades são exemplos de “formas de sociações extra institucionais”.

³¹ Pelo menos as demandas institucionais as dinâmicas de graduação.

destas sociações mais essenciais, é possível observar que, num segundo momento, elas parecem ser acompanhadas por outros impulsos que não apenas aqueles “utilitaristas” estabelecidos nos primeiros contatos, tomando outras cores e sentidos para além daquelas aceções e colorações sóbrias das relações meramente pontuais de outrora. Em outras palavras, o que *a priori* se resumia em sociações objetivas para a satisfação dos conteúdos e das necessidades intra e extra institucionais, passa *a posteriori* se realizar de forma mais “fluida” e “espontânea”, orientadas por outros fatores e sentidos diversos como, por exemplo, afinidade, empatia, identificação, e até mesmo sentimento de pertencimento, engendrando relações mais profundas e complexas entre os agrupamentos de estudantes igualmente submetidos àquelas mesmas demandas.

Diante deste fato, tomarei as sociações estudantis estabelecidas num segundo momento tanto no âmbito intra quanto extra institucional como relações baseadas em “laços afetivos” dos mais variados tipos. Nesta esteira, decorridos os primeiros contatos interpares, mesmo no interior da academia os grupos de trabalhos disciplinares tendem a ser formados não mais apenas por alunos interessados única e exclusivamente na “obtenção de uma nota satisfatória” ou no “resultado final do trabalho”, mas sim por estudantes unidos por outros aspectos para além daqueles fatores sociativos emanados inicialmente pela demanda da instituição e pela dinâmica de graduação dos cursos. Em síntese, os grupos de trabalhos e estudos passam a ser também “grupos de amigos” que partilham igualmente sentimentos de afeição e de apreço entre si para além do interesse comum pela atividade acadêmica “obrigatória”. Da mesma forma, agora no âmbito extra institucional, as relações estabelecidas no interior das repúblicas certamente extrapolam em muito a sociação originalmente visada para a “divisão coletiva dos gastos domésticos”: o que se vê em muitas residências estudantis é a consolidação de uma relação próxima à “irmandade fraternal” em consonância com a construção de uma “identidade grupal” e de um “sentimento de pertencimento” que se clarificam, inclusive, na própria forma de apresentação individual e coletiva destes estudantes na sociedade discente (“o fulano da república X”, “a galera da república Y” e outras representações).

No geral, estas e outras relações observadas durante a investigação parecem “transcender” em dado momento os fatores sociativos que as invocaram no início, colocando-os em um estado de suspensão e latência em favor do sentido de “estar para e com os outros”, alcançando, por fim, um outro nível de socialização que evidencia um “sentimento” e uma “satisfação de estar juntamente socializando”. Este sentimento é exatamente aquilo que Simmel descreve como o “impulso de sociabilidade”, em que as relações se descolam dos materiais da realidade da vida social a tal ponto que os conteúdos originais se dissolvem em mero jogo

formal e passam a ter apenas “papeis simbólicos” nas sociações dos envolvidos. Neste estágio, as formas de “estar para e juntamente com os outros” passam a desempenhar o sentido orientador e último da socialização dos sujeitos³², conferindo a elas próprias a sua “autonomia” frente aos materiais da vida: as necessidades e os impulsos reais produzem os comportamentos desejáveis para o *jogo* – o jogo interativo – mas é exatamente quando estas formas se tornam autônomas dos conteúdos dentro do próprio jogo que elas se consolidam *como* jogo propriamente dito. Este é, pois, exatamente o “fenômeno da sociabilidade” como “forma autônoma, pura e lúdica de sociação” descrito por Simmel.

Postas todas estas coisas e dando prosseguimento à análise do objeto de acordo com a perspectiva simmeliana, farei agora algumas definições pontuais acerca dos eventos universitários: 1. Todos os eventos discentes investigados nesta monografia – os rolês, as festas de república e as festas universitárias – podem ser pensados como “sociações excepcionalmente estudantis”, fluidas e espontâneas, realizadas fora do ambiente da academia e que integram aquele conjunto de sociações extra institucionais anteriormente citado, fazendo parte da “dinâmica da vida universitária dos estudantes da Unifal-MG”; 2. Sabendo que os jovens estudantes desta pesquisa são sujeitos dotados de uma infinidade de conteúdos diversos, estas sociações específicas, entre outras coisas, são realizadas no intuito de atender aqueles “conteúdos não contemplados” – ou mesmo reprimidos – no interior das relações estabelecidas na universidade, visto a limitação espacial e temporal dos discentes subordinados às dinâmicas institucionais e de graduação; 3. Estas três formas pontuais de sociação geralmente são operadas após a “liberação” das atividades e obrigações mais essenciais suscitadas pelas demandas internas e externas da “dinâmica da vida universitária”, ocorrendo paralelamente à vida acadêmica dos discentes; 4. Os grupos de estudantes que desenvolvem estas sociações muitas vezes são os mesmos grupos estudantis consolidados após os primeiros contatos interpares, propiciados no início pela “dinâmica da vida universitária”, extrapolando, no entanto, os conteúdos ou fatores sociativos nucleares que a invocaram *a priori* para dar lugar a busca conjunta pela realização e satisfação de outras questões da vida, *a posteriori*; 5. Por fim, a sociabilidade no sentido explicitado por Simmel se opera de maneira diferenciada em cada uma destas três formas de sociações estudantis, cada qual com as suas especificidades e amplitudes.

³² Pois ela é “mútua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade.” (SIMMEL, 2006, p.64).

Estas definições são importantes para tentarmos compreender os eventos universitários investigados como espaços próprios de socialização dos jovens estudantes da Unifal-MG e como formas específicas que estes encontraram para satisfazer uma vasta gama de outros conteúdos não contemplados no interior das relações acadêmicas. Mas afinal, quais são estes conteúdos? A tabela que se segue é o resultado da sistematização das respostas de uma pergunta presente no questionário realizado com trinta e um (31) frequentadores das festas universitárias. Tal questão buscou captar as principais motivações que mobilizam estes estudantes a frequentarem os eventos estudantis. A pergunta em questão foi: “*O que leva você a ir a uma festa? Qual é ou quais são os motivos que o fazem ir a uma festa?*”. Vejamos o quadro.

Tabela 1. Principais motivações que levam os estudantes a frequentar as festas.

<i>Motivações</i>	<i>Nº de menções</i>	<i>% das menções</i>
a) Encontrar ou sair com os amigos.	24	22
b) Divertir-se e sair da rotina da academia.	20	18
c) Ouvir música, dançar e apreciar as atrações musicais.	18	17
d) Beber.	17	16
e) Paquerar e conhecer novas pessoas.	14	13
f) Identificação com a festa, organização ou temática abordada no evento.	13	11
g) Pela acessibilidade do valor da entrada ou preço do ingresso.	5	3

Quero deixar claro que a tabela acima e os dados nela apresentados não possuem pretensão de generalização e serão utilizados apenas para entender os interesses e as motivações daqueles jovens estudantes que se submeteram ao questionamento. No mais, este quadro tem valor indicativo, mas não tem relevância estatística. Dito isto, voltemos à discussão. Apesar de o questionário ter sido voltado mais especificamente às festas propriamente ditas – subtendem-se, festas de república e festas universitárias – é perfeitamente possível atribuir estas respostas

sem prejuízo algum à investigação ao contexto dos rolês estudantis³³. Como se pode observar, a maioria das réplicas faz referências a certas ações inviáveis ou mesmo inconcebíveis de serem realizadas no âmbito intra institucional da universidade (principalmente os itens “b”, “c” e “d”), o que corrobora a ideia de que os eventos universitários podem ser pensados como espaços de experimentação de certas práticas, comportamentos e ações voltadas a outras questões da vida que não àquelas passíveis de serem desempenhadas no interior da universidade.

Outro dado evidenciado pela tabela e que não pode ser negligenciado é o fato de que, embora os eventos universitários ofereçam uma série de possibilidades de realizações de conteúdos e “interesses pessoais/individuais” como “diversão e alívio do estresse” (b), “apreciação audiovisual e expressão do corpo” (c), “consumo de produtos” (d), “interação afetiva e coqueteria” (e), “apreciação pessoal de certos elementos e signos” (f), e a “fruição de vantagens através da acessibilidade do evento” (g), vinte e quatro (24) dos trinta e um (31) frequentadores das festas estudantis – número que corresponde a 77% do total dos estudantes que responderam ao *survey* – citaram como um dos principais motivos que os mobilizam a ir às festas o fato de poder “encontrar ou sair com os amigos” (a). Ou seja, mais do que meros artifícios para a expressão de certas práticas ou para a fruição de circunstâncias, bens e vantagens “individuais”, os eventos universitários estão mais para meios de concentração e de interação societária de sujeitos pertencentes a uma mesmo “estrato social” – a sociedade discente – e vinculados entre si, cada qual a sua maneira, por sentimentos e laços afetivos, confirmando a hipótese inicial levantada nesta monografia de que estes eventos funcionariam como mecanismos específicos de socialização deste estrato da juventude.

Além do mais, voltando ao questionário direcionado aos frequentadores, quando perguntado aos entrevistados “*com quem – eles – geralmente vão às festas*”, quase que a generalidade³⁴ das explicações girou em torno da resposta “com os amigos”, variando somente os tipos de arranjos possíveis destes, indo desde “colegas de classe”, “companheiros de república”, “amigos da universidade” até “amigos que moram no município”, correspondendo a 94% da totalidade das respostas. Neste sentido, a preferência clara e deliberada da maioria dos estudantes que responderam a este questionário em socializar juntamente com seus congêneres e outros jovens coligados por “laços de afetividade” me parece indício razoável

³³ Todas estas ações são igualmente operadas durante os rolês, claro, dentro das suas particularidades e limitações.

³⁴ Vinte e nove (29) dos trinta e um (31) frequentadores responderam que vão às festas com os amigos e apenas dois (2) entrevistados não responderam à questão, correspondendo a 6% do total.

para crer na especificidade destas sociações e na possibilidade efetiva da suspensão dos conteúdos materiais da vida em favor da plena comunhão entre os participantes, elevando estas socialidades a um outro nível de interação, o da sociabilidade em seu sentido rigoroso. No entanto, é preciso lembrar mais uma vez que a forma “autônoma e lúdica” de sociação aos moldes simmelianos se expressa em situações e contextos pontuais em cada um destes três tipos de eventos e que ela pode ocorrer simultaneamente com outras formas de sociações. A fim de elucidar estas coisas, começarei falando sobre a sociabilidade operada nos rolês estudantis dos jovens discentes desta pesquisa.

Como dito no segundo capítulo deste trabalho, os rolês são pequenos encontros promovidos nas residências dos próprios estudantes no intuito de reunir os amigos e outros discentes para o desenvolvimento das mais variadas atividades e ações conjuntas e para o consumo coletivo de itens e produtos diversos. São encontros informais nos quais os estudantes se apresentam de forma mais despojada de vaidades ou de cerimonialismos, tanto no que diz respeito ao vestuário quanto nos comportamentos. Em comum, todos os frequentadores apresentam algum “vínculo de proximidade” ou com os donos dos rolês ou com alguns dos convidados presentes na reunião, o que acaba por facilitar a aproximação e a relação entre todos os participantes, mesmo aqueles não “íntimos” entre si. Tal aspecto evidencia, entre outras coisas, o nível de “pessoalidade” deste tipo de encontro em relação aos outros eventos investigados³⁵ e sugere o favorecimento da socialização de todos os envolvidos em torno de um mesmo “impulso” ou “sentimento mútuo” de satisfação em “estar juntamente socializando” com seus congêneres. A respeito do “favorecimento da interação” entre os envolvidos, A.A.³⁶, ex-estudante do curso de Ciências Biológicas contribui com o seguinte relato:

“O bom dos rolezinhos menores é que a galera interage muito... como todo mundo se conhece, é um ambiente onde todo mundo fica à vontade, bebe (e paga) barato, interage com todo mundo, conhece todo mundo (de maneira) fácil, porque... acaba que vira um círculo, né? Porque se você não conhece uma pessoa, você conhece um amigo dessa pessoa,

³⁵ Uma vez que tanto as festas de república quanto as festas universitárias são frequentadas por diversos outros grupos de estudantes, muitos deles estranhos entre si.

³⁶ A pedidos do entrevistado, o seu nome foi omitido.

então chega uma hora que você acaba conhecendo todo mundo...
 (A.A., 29 anos, estudante da Unifal-MG – intervenções minhas).

Normalmente os participantes ficam concentrados em um ambiente específico da residência – o *point* do rolê³⁷ – e só se afastam deste epicentro para tratar de assuntos mais íntimos e particulares com outros frequentadores, voltando em seguida para a aglomeração central depois de resolvidas aquelas questões. No geral, a rotatividade e o faz-desfaz de grupinhos de discentes são constantes e as conversas fluem na mesma medida que o álcool sobe à cabeça dos convidados. Uma das principais características da socialização operada nos rolês é o fato de que os participantes presentes são na maioria das vezes “frequentadores habituais³⁸” dos encontros promovidos naquela residência, ou seja, são sujeitos que frequentemente “colam” naquela reunião para “trocar ideia” e interagir com os moradores, fazendo desta forma de socialização parte integrante da sua rotina extra institucional e pessoal. A meu ver, esta recorrência só é possível mediante a consolidação dos laços afetivos entre os convidados e os donos do rolê em dado momento de suas trajetórias acadêmicas, em decorrência natural da “dinâmica da vida universitária” dos estudantes. Além do mais, a participação por intermédio de “convite direto” deixa claros o sentimento de afeição e a pretensão dos organizadores e demais convidados na presença deste ou daquele discente. É válido lembrar que os rolês podem ocorrer a qualquer dia e a qualquer hora da semana, dependendo única e exclusivamente da vontade dos envolvidos e é exatamente este aspecto de aleatoriedade e informalidade que permite que estes eventos possam ser utilizados a bel-prazer da socialização dos jovens sujeitos desta pesquisa.

Outra característica marcante dos rolês é a participação de todos os presentes – inclusive dos próprios moradores das residências – no “rateio coletivo e igualitário” para a compra dos produtos que serão ofertados durante a celebração, revelando, ao menos no campo simbólico, a “igualdade de nível” entre os membros neste aspecto, independentemente da posição ou *status* pessoal de cada indivíduo. Como se sabe, esta é uma das condições necessárias e obrigatórias para a efetivação da sociabilidade descrita por Simmel. Outros fatores a serem destacados e que foram igualmente mencionados no segundo capítulo é a notável “tolerância” quanto às

³⁷ O *point do rolê* normalmente é o ambiente mais espaçoso da residência e onde também se encontra o recipiente armazenador das bebidas (geladeira, freezer, caixa térmica, entre outros).

³⁸ Na gíria dos estudantes da pesquisa, estes frequentadores habituais são os “agregados” da república.

exigências de qualidade, volume dos produtos, serviços e disposições dos equipamentos e a “flexibilidade” referente aos deveres e obrigações dos participantes e anfitriões da casa durante os rolês estudantis: no final das contas, parece que o que mais importa para os discentes não é nem o “cerimonialismo”, nem a quantidade e muito menos a qualidade do que está sendo ofertado ou consumido, e sim “com quem se está” junto e consumindo. Segundo a minha experiência nestes trinta e seis meses de investigação, esta parece ser a “lógica” predominante nos “almoços, jantares e petiscadas” do dia-a-dia e das chamadas “churrascadas e chapeiras³⁹” do final de semana, ocasiões nas quais os estudantes se reúnem para “consumir bebidas e alimentos diversos” não apenas pelo fato desta ação – ou conteúdo – ser economicamente vantajosa ou mesmo por ser uma questão essencial e vital para a nutrição do corpo, mas simplesmente pelo “prazer de estar junto com os outros” socializando desta “forma”.

Há também a “ação solidária” que ocorre corriqueiramente entre os frequentadores dos rolês no momento que um ou mais participantes se encontram em situação de dificuldade ou vulnerabilidade financeira: quando por, motivos diversos, um “membro da turma” não pode contribuir com o rateio coletivo por não possuir capital suficiente ou disponível para tal, normalmente os outros estudantes em situação econômica mais privilegiada se oferecem para “emprestar”, “fazer a intera⁴⁰” ou mesmo “pagar integralmente” a parte do amigo desfavorecido para que este também possa participar da confraternização com os demais. Novamente, tenho a impressão de que o que mais importa para os estudantes é a participação conjunta e a celebração de todos os membros no ato e na experiência da sociabilidade e que quase não há espaço para a indiferença, o egoísmo e a mesquinhez⁴¹, expressões estas mais triviais e notáveis nos outros dois eventos estudantis investigados. Todavia, é de se destacar que há muitas situações em que esta sociabilidade “pura e lúdica” operada nos rolês estudantis possa vir a ser ameaçada e cair por terra.

De acordo com Simmel, a sociabilidade tende a se pautar única e exclusivamente nas personalidades dos sujeitos envolvidos na interação e a “discrção” dos elementos distintivos de cada indivíduo – *status*, posição social, riqueza, erudição e etc. – ainda que no plano simbólico, é condição imprescindível para a manutenção da unidade entre os participantes. É

³⁹ Gíria: bebedeiras – ato de beber e ingerir altas doses de bebidas alcoólicas.

⁴⁰ Gíria: rateio solidário para cobrir a parte referente ao membro desprovido de capital. (a expressão é equivalente à gíria “fazer uma vaquinha”).

⁴¹ No sentido da máxima “cada um por si”, próprio do individualismo e das relações impessoais.

exatamente este condicionamento que configura a sociabilidade como uma forma “artificial” de interação e qualquer exteriorização de sentimentos ou conteúdos outros daqueles subjacentes ao jogo interativo certamente comprometerá o ato sociável como sentimento mutuamente apreciado, culminando no constrangimento e na quebra da unidade sociativa. Por isso, é fundamental que os ímpetos e impulsos individuais dos estudantes sejam moderados por aquele mecanismo introspectivo de autoregulação que Simmel chama de “tato”, ou seja, aquele sentido ou capacidade de percepção que norteia e orienta os sujeitos a não exteriorizar certas expressões, gestos ou comportamentos que possam interferir negativamente na relação com os seus pares. Seja pelo enunciado acidental ou mesmo deliberado de sentimentos e pensamentos egoístas, seja pela revelação de interesses escusos ou duvidosos, de declarações e ações mal interpretadas, enfim, qualquer ato que imprima um “desnível” de qualquer tipo entre os sujeitos é mais que suficiente para “quebrar” o sentimento e a satisfação de estar juntamente socializando, aspectos estes tão apreciados e marcantes nos rolês estudantis dos estudantes desta universidade.

Um dos casos que eu acompanhei em um dos rolês estudantis e que serve como exemplo desta possível “quebra de sociabilidade” é o fato ocorrido em uma república “X”⁴² onde os donos do rolê realizavam um segundo rateio entre os participantes para o reabastecimento das bebidas alcoólicas distribuídas no encontro no intuito de estender um pouco mais a reunião: a polêmica ocorreu quando alguns participantes presentes perceberam que a quantidade de bebidas adquiridas e disponibilizadas pelos moradores da residência era evidentemente incompatível com o montante de dinheiro arrecadado na “vaquinha”⁴³, o que acabou por levantar a suspeita do não investimento integral do rateio e da apropriação parcial do montante recolhido para “uso particular” dos donos do rolê⁴⁴. Por mais que estes últimos buscassem explicar e “justificar” a incompatibilidade das contas, tentando de todas as formas contornarem o constrangimento ocorrido com tal disparate, o estrago era irreversível: alguns participantes se mostraram bastante irritados com a atitude dos organizadores e em poucos dias o caso tornou-se público na sociedade discente, trazendo má reputação para a república e seus moradores. A “atmosfera” do encontro, que antes era de pura descontração, alegria e fruição plena, tornou-se

⁴² Por motivos óbvios, a identidade da república e de seus moradores será preservada para prevenir constrangimentos.

⁴³ Gíria: rateio.

⁴⁴ Lembrando que, por essência, os rolês estudantis são caracterizados por serem reuniões particulares realizadas nas residências estudantis e sem fins lucrativos de qualquer espécie.

pesada, nebulosa e negativamente alterada devido à ação “desonesta” e “egoísta” dos donos do rolê, o que consequentemente acarretou na “quebra” da socialização e no rompimento do sentimento mutuamente apreciado entre os participantes.

Quero deixar claro que este exemplo é um caso “extremo” e um tanto incomum nos rolês estudantis dos discentes da Unifal-MG. Seu relato nesta monografia é estritamente ilustrativo e didático. Mas diferente da excepcionalidade deste caso, sem dúvida nenhuma, uma das ocorrências mais banais e que tem o mesmo impacto e efeito do acontecimento relatado é a “invasão” – ou tentativa de invasão – de indivíduos não convidados para estes encontros particulares: os “penetras do rolê”. Como já mencionado no capítulo anterior, tratam-se de estudantes e outros sujeitos não requisitados pelos organizadores ou frequentadores e que buscam adentrar descarada ou clandestinamente nestas reuniões reservadas. Por incrível que pareça – ou não – esta prática é bem comum nos encontros informais dos estudantes desta universidade e normalmente os “intrusos” acabam sendo barrados pelos organizadores nos portões das residências estudantis. Todavia, quando estes estranhos e indesejados sujeitos conseguem adentrar no rolê, o impacto é instantâneo: olhares encabulados e desconfiados se lançam sobre os “estrangeiros” e não há como os organizadores e demais convidados disfarçarem a inquietação e o desconforto diante da presença de indivíduos alheios ao seu círculo social. Os intrusos até podem conseguir permanecer no rolê durante todo o tempo de sua realização, principalmente quando os organizadores e convidados, por falta de coragem e outros motivos diversos, não tomam a iniciativa de pedir a sua retirada, mas a sociabilidade e o sentido de unidade dos participantes do encontro certamente ficarão abalados diante da presença destes penetras.

Estes são alguns dos principais aspectos e especificidades das interações que compõem a sociabilidade experimentada pelos discentes nos rolês estudantis. Por ser um evento social mais pessoal e restrito a poucos participantes, as relações e os “papos” estabelecidos entre os frequentadores destes encontros tendem a ser mais dinâmicos que as conexões e conversas realizadas nos tumultuados espaços das festas de “rep.” e das festas universitárias. É por estas e outras coisas que os ambientes dos rolês são espaços que favorecem a troca de experiências e de “ideias” entre todos os participantes uma vez que se configuram como um “micro universo” particular de fácil leitura, controle e acesso que propicia a interação coletiva e a “coesão” dos sujeitos em um torno de um sentimento igualmente partilhado e vivenciado como sociabilidade pura e lúdica, diferente do que se vê nos outros dois eventos. Aproveitando a oportunidade que

se abre, começarei a falar sobre a(s) sociabilidade(s) operada(s) e vivenciada(s) pelos estudantes durante as festas de “rep.” e as festas universitárias dos jovens discentes da Unifal-MG⁴⁵.

Como já é do conhecimento do leitor, as festas de república são eventos em sua maioria abertos a todos os públicos, independente de curso ou vínculo de relação com os organizadores, sendo elaborados pelos próprios estudantes e realizados em suas residências, exceto nos apartamentos, casas de famílias e pensionatos estudantis que geralmente não permitem esta prática. Estas festas abrangem um número bem maior de participantes e envolvem uma série de ações e investimentos estruturais praticamente inexistentes nos rolês. As festas universitárias, por sua vez, são eventos maiores que as festas de “rep.” e apresentam um quadro de organização mais refinado e mais próximo dos eventos do entretenimento profissional. As festas universitárias não apresentam qualquer tipo de restrição de público, pois têm como principal objetivo a busca pela maior arrecadação de fundos o possível para atender os diversos interesses das diferentes comissões organizadoras. Sobre esta expressiva diferenciação estrutural das festas universitárias em relação às festas de república e aos rolês estudantis, o ex-aluno do curso de Farmácia, S.C⁴⁶, complementa a discussão com o seguinte relato:

“No meu tempo era uma coisa bem básica, bem mais simples, nada dessas “megaestruturas” de hoje... eram os moradores (das repúblicas) e no máximo as próprias comissões de formatura que faziam as festas, que tomavam conta... não tinha essa de várias pessoas diferentes (outros tipos de comissões) organizarem as festas, era só a as repúblicas que organizavam, que vendia ingresso, não era essa coisa “industrializada”... ficou tudo muito “profissional”, profissionalizou para caralho! Já tem até lugar específico para fazer festa...” (S.C, 32 anos, ex-estudante de Farmácia – intervenções minhas).

Apesar das diferenças, estes eventos de maior porte têm em comum a exigência de um planejamento antecipado para sua realização, a apresentação um hiato periódico bem maior

⁴⁵ Falarei conjuntamente das sociabilidades operadas nas festas de república e nas festas universitárias por entender que, apesar de serem festividades distintas entre si, os tipos de relações estabelecidas entre os participantes nestas duas ocasiões são bem parecidas.

⁴⁶ A pedidos do entrevistado, o seu nome foi omitido.

entre uma edição e outra e a venda de entradas e ingressos com o investimento parcial da arrecadação para cobrir os gastos das atrações e serviços necessários para o rebento, tendo a outra parte do montante – o “lucro” – destinado aos seus organizadores.

Os ambientes e as “atmosferas” destes dois tipos de eventos universitários são substancialmente distintos dos espaços e do clima familiar de socialização dos rolês, o que acaba por influenciar diretamente as sociabilidades e demais socializações operadas pelos estudantes desta pesquisa. Para começar, tanto as festas de república quanto as festas universitárias – estas últimas mais que as primeiras – são eventos “impessoais” e majoritariamente abertos a todos os públicos da sociedade discente, e a não-obrigatoriedade de “vinculação afetiva” entre frequentadores e organizadores possibilita que estas festividades sejam palcos para inúmeros grupos de jovens estudantes e até mesmo outros sujeitos alheios à universidade. Diante desta mobilização massiva, os espaços desses eventos tendem a ser bem maiores e diversificados que os dos rolês estudantis, o que acaba por resultar na fragmentação e dispersão natural dos estudantes por todos os cantos da casa ou da festa, diferente da “compactação” do público observada nas reuniões de pequeno porte. Apesar dos espaços serem expressivos, a mobilidade dos frequentadores geralmente é comprometida pela constante lotação dos ambientes e há uma notável “concorrência” dos participantes pelos lugares mais privilegiados⁴⁷ e pelo controle de pontos estratégicos de localização e encontro⁴⁸.

Ainda que o fluxo de rotatividade seja grande, o movimento de faz-desfaz de grupinhos de frequentadores nestes dois tipos de socializações é menor que o observado nos rolês estudantis⁴⁹, quase não havendo a “dissolução total” dos agrupamentos que ingressam juntos⁵⁰ nestas festividades: tais aspectos – creio eu – sugerem que as “turmas de amigos” presentes nas festas de “rep.” e nas festas universitárias tendem a ser mais “estáveis” que os grupinhos observados nos encontros particulares e a minha hipótese para esta estabilidade reside no fato

⁴⁷ Um comportamento bem típico dos grupos de estudantes, sobretudo dos homens, é a sua instalação e permanência próxima aos “bares” e demais pontos de distribuição das bebidas alcoólicas, ao passo que o grupo das mulheres normalmente se estabelecem mais próximas do palco das atrações musicais.

⁴⁸ Durante as minhas observações e diálogos com os frequentadores, notei que muitos estudantes procuram ficar próximos a “pontos de referência” para que seus amigos e demais acompanhantes possam localizá-los após realizadas as incursões no ambiente da festa, seja para pegar mais bebidas, ir ao banheiro, dançar na pista, conversar com outros participantes presentes no evento etc.

⁴⁹ É nítido que estes agrupamentos permanecem mais tempo “unidos” e concentrados em determinados lugares destes eventos em comparação aos grupos presentes nos rolês.

⁵⁰ É muito comum observar os grupos de estudantes chegarem juntos, permanecerem juntos e irem embora juntos das festas de república e das festas universitárias.

da presença de muitos estudantes e pessoas “estranhas” nestes eventos de maior mobilização, o que incentivaria os frequentadores a “fecharem⁵¹” as “rodinhas de amigos” como medida “cautelara” contra estes indivíduos indesejados e alheios ao seu círculo social, possibilitando também a manutenção da “coesão interna” e a unidade sociativa no interior do “grupo afetivo”.

Visto isto, penso que é coerente dizer que a sociabilidade pura e lúdica observada no “microuniverso sociável” dos rolês pode se expressar de maneira peculiar e *plural* no “macrouniverso de socialização” das festas de república e das festas universitárias, ou seja, ao invés da extensão da “coesão” e do sentimento de “satisfação em estar juntamente socializando” a todos os frequentadores presentes no ambiente – ação esta que ocorre com certa naturalidade nos encontros particulares – a sociabilidade nestas festividades se manifestaria de forma “fragmentada”, “difusa” e “limitada” no seio das relações dos diversos grupos envolvidos no rebento, estando, portanto, restrita ao interior das “rodinhas de amigos” presentes nestes eventos públicos de maior mobilização. Neste sentido, não seria sensato falar de apenas “um sentimento” ou “impulso de sociabilidade” amplamente experimentado e compartilhado por todos os participantes, mas sim de “vários impulsos” e de “várias sociabilidades”, cada qual delas experimentadas e vivenciadas “singularmente” no interior dos diversos agrupamentos de frequentadores envolvidos nestas festividades. É dentro desta perspectiva, pois, que analisarei as sociabilidades operadas nas festas de república e nas festas universitárias.

Conforme as minhas observações e registros, a maioria dos participantes vão a estas festas acompanhados⁵² de suas turmas e galeras, cada qual com suas próprias especificidades e configurações (companheiros de classe, de república, de estudos, amigos da universidade, do município, entre outros recortes). Neste momento torna-se nítido o contraste e as diferenças entre os grupos, principalmente em aspectos pontuais como o vestuário e “*vibe* de fruição⁵³”. Chegando às residências ou às chácaras e salões onde serão realizadas as festas de “rep.” e as festas universitárias, respectivamente, grande parte destes frequentadores realizam o que eu chamo de “reconhecimento inicial” do ambiente da festa que é o movimento de exploração dos espaços para obter informações valiosas como a localização dos banheiros, do palco de atrações, dos cômodos disponíveis (no caso das festas de república), de possíveis pontos e

⁵¹ Não no sentido literal da palavra, mas sim num movimento de resguarda que instaura um sentimento de alerta e contra possíveis ameaças à integridade do grupo.

⁵² E mesmo aqueles frequentadores que chegam sozinhos, vão para encontrar seus amigos que já estão presentes ou que ainda irão chegar ao evento

⁵³ Explicarei a ideia mais adiante.

lugares de concentração e encontro e principalmente dos bares onde serão distribuídas as bebidas e demais produtos. Concomitante a esta exploração, os frequentadores fazem uma “varredura visual” para procurar possíveis amigos, conhecidos, “paqueras” e outras pessoas dispersas pelo ambiente e com as quais se pretende socializar durante os eventos. Estes são movimentos padrões que ocorrem com frequência nas festas de república e nas festas universitárias e os quais eu entendo como “momento de adaptação” dos frequentadores.

Outro fato interessante que pude notar é que no decurso destas festividades os grupos de jovens estudantes e demais sujeitos se espalham pelos ambientes de acordo com a suas preferências circunstanciais e “*vibes de fruição*”⁵⁴. Em outras palavras, aqueles frequentadores “palestrantes”⁵⁵ que preferem conversar e bater papo com seus amigos geralmente se instalam em lugares mais afastados da fonte sonora das festas, onde o som esteja em um nível mais e ameno e que possibilite a fluidez da “troca de ideias” e a conversação com seus acompanhantes, ao passo que aqueles sujeitos mais enérgicos e que – nas palavras dos próprios estudantes – vão para as festas para poder “causar”⁵⁶ normalmente buscam se fixar em lugares e espaços mais próximos aos palcos e às caixas de som na intenção de poder apreciar melhor as atrações musicais e ao mesmo tempo cantar, dançar e pular ao som das músicas tocadas pelos grupos, bandas, *Djs* e demais atrações artísticas. Há também os grupos de “chapadores”⁵⁷ que logo que adentram nestes eventos procuram se estabelecer os mais próximos dos bares e dos pontos de distribuição das bebidas no intuito de beber até “travar” e “chapar o coco”⁵⁸, e as turmas dos “prexequeiros”⁵⁹ que ficam vagando de um lado para o outro buscando bons motivos para fazer-se “ancorar” em algum lugar – ou com alguém – da festa. Estas são apenas algumas gírias e expressões metafóricas corriqueiramente usadas pelos estudantes para designar certos tipos de comportamentos e ações possíveis durante os eventos universitários. Mas é válido ressaltar que nada impede que um mesmo sujeito – ou grupo de sujeitos – possa desempenhar todos estes “papéis” e comportamentos em uma mesma festa estudantil, seja ela qual for, pois é exatamente

⁵⁴ Trata-se de um estado de espírito comportamental que indica os conteúdos buscados pelos estudantes e demais frequentadores nestas festividades, e cada um destes “objetivos e interesses” demanda uma circunstância propícia para a sua realização.

⁵⁵ Gíria: estudantes que gostam de falar e conversar por horas e horas.

⁵⁶ Gíria: qualquer tipo de ação ou comportamento extravagante e que acabe por ser o centro das atenções.

⁵⁷ Gíria: cachaceiros, beberrões.

⁵⁸ Gíria: embriagar-se por completo.

⁵⁹ Gíria: aventureiros, namoradores.

para isto que os eventos universitários servem: além de espaços de socialização, os eventos universitários são lugares que possibilitam aos estudantes “extrapolar a si mesmos” e realizarem uma série de outros interesses, vontades, desejos, enfim, vários “conteúdos” e outras questões da vida que seriam inviáveis ou impossíveis de serem experimentadas em outros contextos.

Voltemos às sociabilidades. Se a manutenção deste “sentimento mutuamente apreciado” pelos sujeitos da interação depende diretamente de suas personalidades e de seus próprios esforços para sua preservação e longevidade – assim como aponta Simmel – pode-se dizer então que este sentido de “satisfação em estar junto e socializando” encontra abrigo relativamente seguro no interior dos grupos de frequentadores envolvidos nas festas de república e nas festas universitárias, visto a correspondência afetiva entre os todos os integrantes e o “fechamento preventivo⁶⁰” destas turmas diante dos demais grupos e sujeitos alheios ao seu círculo social. Sendo assim, desde que nenhum dos membros coligados exteriorize qualquer interesse ou conteúdo outro subjacente ao jogo interativo que impacte um “desnível de qualquer tipo” entre os envolvidos no momento sociável – ou nas palavras de Simmel, que lhe falte “tato” – principalmente após a “afloração” dos ânimos e da “sinceridade” causada pela longa ingestão de bebidas alcoólicas, a sociabilidade e a “sintonia” da unidade sociativa do grupo certamente estarão a salvo no interior das “turmas de amigos”. No entanto, estas socializações mais nobres operadas durante as festas de “rep.” e nas festas universitárias podem ser ameaçadas por outras forças que não aquelas ligadas às “palas⁶¹” dos próprios membros e nem às emanadas pela própria tensão causada pela presença de inúmeros agrupamentos estranhos entre si: refiro-me aos possíveis – e não raros – “problemas e imprevistos” de organização das festas.

Estas possíveis dificuldades e complicações muitas vezes decorrem da falta de planejamento logístico e estrutural adequado ou mesmo de situações inusitadas e imprevistas que fogem do controle das comissões organizadoras, podendo ocorrer a qualquer momento nos eventos estudantis. Quando estes revezes acontecem, as “atmosferas de fruição” destas festividades são diretamente abaladas e colocadas em xeque, desencadeando uma série de descontentamentos e insatisfações potencialmente avassaladoras que podem destruir por completo com o clima de socialização e fruição das festas de repúblicas e das festas universitárias. Diante deste quadro dramático, surge a pergunta: quais seriam os principais

⁶⁰ Não se trata de um “fechamento”. O interessante é que a inserção de um “novo elemento” ao grupo geralmente é intermediada por algum dos integrantes cativos do mesmo e cabe a este fazer a apresentação do sujeito recém chegado a todos os outros membros, a exemplo do que acontece com frequência nos rolês estudantis.

⁶¹ Gíria: deslize, falha, conduta indevida.

problemas e imprevistos que poderiam fazer cair por terra as sociabilidades e as demais sociações operadas nos eventos universitários de maior porte?

A tabela que se segue é mais uma vez fruto da sistematização das respostas analisadas no questionário aplicado aos frequentadores dos eventos organizados pelos estudantes da Unifal-MG e que se dispuseram a responder o *survey*. A pergunta em questão foi: “*O que não pode acontecer nas festas e eventos organizados pelos estudantes da Unifal-MG para que eles não sejam comprometidos?*”. Vejamos.

Tabela 2. Principais problemas e imprevistos que podem comprometer os eventos organizados pelos estudantes da Unifal-MG.

<i>Problemas</i>	<i>Nº de menções</i>	<i>% das menções</i>
a) Má organização do evento.	28	31
b) O não-cumprimento do que fora anunciado.	22	25
c) Distribuição de bebidas quentes.	17	19
d) Brigas, confusões e falta de segurança.	15	17
e) A ocorrência da polícia e intempéries de todos os tipos.	7	8

Novamente, quero reiterar que esta tabela, assim como a anterior, tem efeito apenas indicativo, não havendo qualquer tipo de pretensão estatística ou de generalização. Como se pode observar, vinte e oito (28) dos trinta e um (31) estudantes – 90% dos frequentadores entrevistados – destacaram a “má organização do evento” (a) como o principal problema que pode comprometer as festas de república e as festas universitárias organizadas pelos estudantes da Unifal-MG. Dentro desta resposta estão englobadas⁶² questões como “insuficiência da estrutura de sonorização”, “lotação do ambiente acima do limite suportado”, “má localização e

⁶² Estes aspectos foram englobados numa só resposta, pois entendo que, no limite, são os próprios organizadores os responsáveis por alugar as estruturas de sonorização, preparar os ambientes das repúblicas ou alugar as chácaras e salões para as festas, garantir as condições mínimas de segurança etc. Sendo assim, qualquer deslize ou insuficiência em uma destas questões é decorrente da má organização do evento por parte das comissões organizadoras.

acesso da festa”, “péssimas condições do local”, entre outras coisas. Logo em seguida vem o “não cumprimento do que fora anunciado” (b) como o segundo infortúnio mais mencionado pelos frequentadores – por 71% deles, mais precisamente – sendo abarcados aqui casos relacionados ao encerramento precoce “da distribuição de bebidas” (*open bar*), “do som mecânico” e “das atrações musicais” antes do horário de encerramento da festa e o “não oferecimento de atrativos”, “produtos” e “serviços” divulgados de antemão (seja pela divulgação boca-a-boca ou pela publicidade virtual e gráfica). No mais, a distribuição de bebidas quentes e em péssimas condições de fornecimento (c), a ocorrência de brigas e falta de segurança (d) a chegada da polícia, a incidência de chuva e de outras intempéries climáticas⁶³ (e) completam o quadro dos acontecimentos que têm o poder de minar as festas e arruinar o clima de socialização dos eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG.

A exposição destes potenciais problemas e imprevistos é importante para termos a dimensão do quão frágeis e vulneráveis podem ser as sociabilidades operadas nestes dois tipos de eventos estudantis de maior mobilização, uma vez que nestas festas há um número mais expressivo e variado de elementos, atrativos e serviços que são para muitos estudantes “conteúdos” e “interesses” igualmente desejados⁶⁴ assim como a oportunidade de socializar conjuntamente com seus congêneres. A meu ver, esta “maior ênfase” ao consumo dos produtos, atrativos e serviços se deve em muito à alteração da atmosfera dos eventos estudantis provocada pela cobrança desigual de entradas e ingressos para participação dos interessados, transformando estas festividades, antes, reuniões particulares, informais e com certo nível de proximidade e igualdade entre os membros, em “celebrações públicas”, formalizadas e com diferenciação explícita entre organizadores e frequentadores, acentuando as tensões⁶⁵ e o caráter de impessoalidade destes eventos.

Dessa forma, creio que não basta apenas o sentimento de unidade e de “sintonia fina” no interior dos agrupamentos presentes nestas festas para que a socializações grupais possam

⁶³ Apensar de prejudiciais aos eventos universitários, as intempéries como chuva, frio, calor em demasia etc. são ocorrências que encontram maior “compreensão” por parte dos frequentadores em relação aos outros problemas possíveis, visto o entendimento de que estas coisas estão para além do controle e da previsibilidade das comissões organizadoras.

⁶⁴ Não que estes produtos e serviços não sejam desejados pelos estudantes nos rolês estudantis, mas de acordo com o que pude observar durante o trabalho de campo, nos três eventos investigados as “ênfases” dadas ao consumo destes elementos nos encontros particulares são bem menores nos em relação ao que se observou nas festas de maior porte e por todos aqueles motivos que já foram exaustivamente mencionados durante este capítulo.

⁶⁵ Parte desta “tensão” advém da “expectativa de contrapartida” que se estabelece tacitamente quando os frequentadores adquirem as entradas ou ingressos destes eventos, refletindo a própria natureza destas festividades como “produtos de consumo”.

alcançar patamares mais nobres da interação sociável. É preciso também que as atrações, os serviços e os produtos (simbólicos e concretos) disponibilizados – e prometidos – estejam a altura do esperado e cumpram com as expectativas dos participantes, propiciando um retorno “minimamente satisfatório” que possibilite a fruição razoável dos estudantes e que justifique o valor pago pelos frequentadores nas entradas e bilhetes.

Um caso que serve para demonstrar como as sociabilidades operadas nas festas de “rep.” e nas festas universitárias estão de certa forma “condicionadas” à conformidade do desdobramento adequado das ações e serviços oferecidos é o fato ocorrido numa festa universitária “x⁶⁶” em meados de 2014. A comissão organizadora da festividade tinha estabelecido através de divulgação prévia (via publicidade gráfica e virtual pelas redes sociais) que no evento haveria a distribuição de bebidas no formato “*open bar*” e que as mesmas seriam fornecidas sem qualquer tipo de restrição durante às seis horas de evento. Por vários motivos, a festa não emplacou e não foram vendidos a quantidade de ingressos suficientes para pagar todos os gastos e investimentos realizados. Afim de não agravar o prejuízo, a comissão organizadora resolveu “retardar o fornecimento das bebidas” orientando a todos os membros e ajudantes que estavam nos bares a servirem as cervejas de forma regulada e intercalada. Como se não bastasse, a distribuição foi suspensa definitivamente quando ainda faltavam quase cinquenta minutos para o horário de término da festa, o que gerou muita revolta e indignação entre os frequentadores ao ponto de muitos destes irem embora gritando em coro palavras de baixo calão contra os organizadores. O clima da festa ruiu de vez e a “carga negativa” tomou conta de todo o ambiente, comprometendo a socialização e a fruição plena dos sujeitos e dos agrupamentos de frequentadores presentes.

Apesar da oportunidade de “encontrar os amigos” ter sido o “interesse” mais mencionado pelos discentes no *survey* como o principal motivo que os mobilizam a irem às festas, todos os demais “conteúdos” citados são igualmente essenciais para que as sociabilidades possam fluir de forma satisfatória tanto nos ambientes particulares dos rolês estudantis quanto no seio dos grupos afetivos envolvidos nos eventos públicos de festas de república e festas universitárias: todos estes conteúdos e objetivos no geral atuam como “elementos aglutinadores” que incentivam os estudantes a se unirem em prol da realização dos interesses em comum, possibilitando a experimentação de sensações, vontades e desejos igualmente compartilhados por todos os membros. Além do mais, os interesses como “sair da

⁶⁶ O nome da festa foi omitido para evitar possíveis constrangimentos.

rotina”, “apreciar as atrações musicais”, “dançar”, “beber”, “paquerar”, enfim, todos estes elementos são parte integrante do pano de fundo que decora e ornamenta os eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG, podendo ser também entendidos como interesses próprios da juventude como um todo.

Estas são as principais diferenças das sociabilidades vivenciadas pelos estudantes desta pesquisa nestes três eventos universitários investigados: enquanto que nos rolês estudantis há um maior movimento de interação e faz-desfaz de grupinhos de estudantes e uma tendência de extensão do sentimento de “satisfação em estar junto e socializando” a todos os participantes presentes no ambiente, nas festas de república e nas festas universitárias há uma menor dissolução dos agrupamentos e a limitação do sentimento mutuamente apreciado no interior dos grupos afetivos, sendo esta estabilidade das turmas de amigos hipoteticamente explicada pela presença de inúmeros grupos de indivíduos estranhos e alheios ao seu círculo social. Por um lado, ao mesmo tempo que as festas de “rep.” e as festas universitárias são espaços de fruição de sensações e de circunstâncias positivas para os jovens participantes – assemelhando-se, neste aspecto, aos rolês estudantis – por outro são ambientes de “concorrência”, de “tensão” e de “conflitos de interesses” entre os vários grupos de estudantes e de outros sujeitos que compõem a heterogênea sociedade discente da Universidade Federal de Alfenas.

É por estas e outras coisas que acredito que a sociabilidade pura e lúdica apresentada nos rolês só é possível de se efetivar nos eventos de maior porte quando no interior dos grupos afetivos que participam destes dois macros universos de socialização. Esta “condição” acaba por revelar, se é possível a analogia, uma perspectiva ou lógica “inversamente proporcional” que se resume nas seguintes sentenças: quanto menor for o evento estudantil, maior será a possibilidade de “extensão da coesão” e de consolidação de um sentimento de “unidade” entre todos os participantes envolvidos na ação sociável, o que concretizaria a sociabilidade aos moldes simmelianos em seu sentido estrito e como realidade viável para todos os envolvidos; e quanto maior for o evento discente, menor será a possibilidade de efetivação de uma unidade e de um sentimento mutuamente apreciado por todos os frequentadores envolvidos, estando esse sentido fragmentado, difuso e limitado no interior dos inúmeros agrupamentos e turmas de estudantes e de outros sujeitos participantes das festas de “rep.” e das festas universitárias.

Colocadas todas estas coisas, tomo a discussão sobre a sociabilidade e as sociabilidades operadas nos eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG como encerrada. Não que tenha efetuado o esgotamento do conceito e do objeto, de forma alguma, mas sim por acreditar que o que eu poderia contribuir para reflexão de acordo com a perspectiva simmeliana, bem ou

mal, já fora feito. Dando prosseguimento ao trabalho, portanto, analisarei agora o segundo elemento teórico escolhido *a priori* para a reflexão dos eventos estudantis investigados como formas de entretenimento específicas dos jovens estudantes desta universidade de acordo com o conceito de lazer de Joffre Dumazedier.

3.2. Os eventos universitários como espaços de lazer

Como exposto no segundo capítulo desta monografia, o sociólogo francês Joffre Dumazedier entende o lazer como “...único conteúdo do tempo orientado para a realização da pessoa com fim último” (1974, p.91). Trata-se de um “valor” e um “direito social” conquistado através da redução da jornada de trabalho e da liberação das obrigações impostas por algumas instituições de base (profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas), possibilitando a ocupação destes “tempos livres” por outras atividades que visam à satisfação da pessoa, seja para o descanso e recomposição das suas forças ou para o livre desenvolvimento de suas capacidades físicas, artísticas, intelectuais e sociais. Como este tempo liberado se define primeiro, mas não exclusivamente, em relação ao “trabalho profissional” – e no caso específico desta investigação, em relação à “formação escolar/acadêmica” dos discentes, igualmente entendido como tal⁶⁷ – os eventos universitários descritos aqui podem ser pensados como “períodos de lazer” que se realizam após a liberação das obrigações mais essenciais para estes jovens sujeitos, sendo utilizados pelos frequentadores como fonte de recreação e “válvula de escape” para as tensões advindas da árdua rotina acadêmica.

Nesta esteira, os eventos universitários se caracterizam tanto como períodos de lazer do “final do dia” quanto lazer do “final de semana” (*weekend*), uma vez que são nestas circunstâncias temporais que os rolês estudantis, as festas de república e as festas universitárias ocorrem. E mais. Sendo os períodos de entretenimento concernentes a um conjunto mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados e estando submetidos aos condicionamentos econômicos, sociais, políticos e culturais de cada sociedade, podemos pensar os eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG como períodos de lazer próprios da contemporaneidade⁶⁸ e produzidos a partir da realidade

⁶⁷ DUMAZEDIER, 1974, p.94.

⁶⁸ Visto a maior autonomia da juventude, a evolução da economia e a massificação do ensino superior.

socioeconômica dos discentes, reflexo direto das adaptações e das transformações sociais e econômicas destes sujeitos.

Continuando a desdobrar o objeto de acordo com a perspectiva dumazediana, todos os três eventos universitários investigados nesta monografia apresentam, cada qual da sua maneira, aquele conjunto de aspectos os quais o sociólogo francês entende como “caracteres do lazer”: tratam-se de certas propriedades essenciais que constituem todas as atividades de entretenimento e sem as quais o lazer não existiria. Duas destas propriedades são “negativas” em relação às obrigações impostas pelas instituições de base – o caráter liberatório (1) e o caráter desinteressado (2) das práticas de lazer – e outras duas “positivas” em relação às necessidades das personalidades dos próprios sujeitos – sendo o caráter hedonístico (3) e o caráter pessoal (4) da atividade de recreação. Posto estas coisas, examinarei, pois, estas quatro propriedades do lazer referindo-as, quando possível, aos três eventos universitários investigados neste trabalho de conclusão de curso afim de confirmar se estas festas realmente se enquadram como eventos de entretenimento próprios deste estrato específico da juventude.

Os eventos universitários têm caráter liberatório (1) pois são realizados após a liberação das obrigações institucionais impostas pelos organismos de base como as instituições profissionais (e neste caso pontual, das obrigações impostas pela academia), as instituições familiares (visto a ausência dos pais e dos demais responsáveis), e das instituições sócio-espirituais e sócio-políticas. No tocante desta liberação, os rolês estudantis são por excelência os eventos que mais exprimem esta propriedade uma vez que, estando os estudantes “livres” das obrigações da universidade e do controle familiar, estas reuniões particulares não dependem de qualquer outra variável ou condição exterior para sua realização se não da própria disponibilidade e vontade de seus participantes, seja como “programa de final do expediente” (a ser realizado a qualquer dia do hebdomadário) ou como “programa do final de semana”, ao contrário das festas de república as festas universitárias – estas últimas mais que as primeiras – que obrigatoriamente dependem de “planejamento prévio” para sua viabilização, desde a “escolha da data⁶⁹” da festividade, a venda antecipada de entradas e ingressos, a busca pelo consentimento e o aval de todos os moradores (no caso pontual das festas de “rep.”), a disponibilização de espaços apropriados, a divulgação do evento, entre outras coisas.

⁶⁹ O principal entrave e dificuldade para organização dos eventos universitários, segundo os relatos dos próprios estudantes e organizadores.

Ao analisar a segunda propriedade do lazer anunciada por Dumazedier e a qual ele denomina de caráter desinteressado (2), ficam evidentes as diferenças fundamentais entre os três eventos discentes aqui descritos. Segundo o autor, o lazer se constitui como ação ou atividade sem fim lucrativo algum, nem utilitário, tão pouco ideológico ou proselitístico. É exatamente isto que determina a sua isenção de finalidades outras que não aquelas ligadas à realização (pessoal) do sujeito. Voltando ao objeto, sabemos que os rolês estudantis são pequenas reuniões de estudantes que se reúnem para desenvolvimento conjunto de uma série de ações e atividades que visam, sobretudo, a divertimento e a integração entre todos os frequentadores. Nestas reuniões particulares são realizados “rateios coletivos e igualitários” para a compra de bebidas e outros produtos para usufruto dos participantes, sendo todo o montante arrecadado integralmente revertido para esta finalidade. Em síntese, não há a intenção por parte dos donos do rolê e nem dos participantes em se obter lucro ou qualquer tipo de vantagem individual que não a integração e a diversão coletiva entre todos os membros. Sendo assim, os rolês se enquadram perfeitamente dentro desta definição de propriedade do lazer.

Ao contrário, os organizadores das festas de república e das festas universitárias apresentam deliberadamente outros “interesses” para além da experimentação dos eventos universitários como formas de lazer em si. Em comum, ambas as comissões organizadoras destas festividades almejam, primeiro, auferir lucros para uso particular através da captação dos excedentes da arrecadação propiciada pela venda de entradas, ingressos e de outros serviços oferecidos durante os eventos. Além deste objetivo em comum, os moradores-organizadores das festas de “rep.”, em especial, procuram obter popularidade, reconhecimento e prestígio na sociedade discente através da autopromoção individual e grupal possibilitada por estas atrações, o que também não deixa de se caracterizar como um “interesse” exterior à prática do lazer em si mesmo. Sendo assim, parece-me razoável afirmar que, diferente do que acontece nos rolês estudantis, nestes outros dois eventos de maior porte o “caráter desinteressado” é aspecto manifesto apenas pelos frequentadores⁷⁰ destas festividades, posto que as diversas comissões organizadoras assumem – sem embaraço algum – outros interesses que extrapolam em muito esta propriedade constituinte e essencial do lazer.

De acordo com Dumazedier, quando uma prática de entretenimento obedece parcialmente a um fim lucrativo, utilitário ou engajado de qualquer tipo, torna-se “lazer

⁷⁰ Estes sim indiscutivelmente buscam a diversão e a realização pessoal de uma série de questões da vida através da fruição dos eventos universitários como fonte de entretenimento.

parcial”, ou melhor, *semilazer*, uma “atividade **mista** em que o lazer é misturado a uma obrigação institucional” (DUMAZEDIER, 1974, p.95 – grifos meus). Dessa forma, creio que há uma dicotomia fundamental entre os organizadores e frequentadores dos eventos estudantis de maior mobilização no que tange à experimentação do lazer: enquanto que os pagantes têm a oportunidade máxima de curtir todas as possibilidades de fruição e prazer propiciadas pelas festas de república e pelas festas universitárias, aos organizadores restam, em primeiro lugar, garantir as condições mínimas de desdobramento destas festividades de acordo com o que fora divulgado antecipadamente através da publicidade (como consequência direta da “contrapartida” que se abre quando cobrado valores desiguais pelas entradas e ingressos) em detrimento da sua própria possibilidade de fruição e divertimento durante estas celebrações. Em outras palavras, enquanto os frequentadores se divertem e vivenciam de forma plena os eventos universitários como fontes reais de lazer, os organizadores trabalham⁷¹ e experimentam *parcialmente* estas sensações uma vez que buscam, concomitantemente, outros interesses para além do lazer em si, vivenciando estes eventos como *semilazer*⁷². Com sorte, depois de cumprir com todas as “obrigações” e deveres inerentes à organização, os idealizadores podem, enfim, curtir um pouco do festejo junto aos demais participantes, mesmo que este “breve momento de curtição” se realize apenas nos instantes derradeiros das festas estudantis diante do relaxamento e da desaceleração natural das atividades, das funções e dos serviços disponibilizados.

A terceira propriedade apontada pelo autor se refere ao caráter hedonístico (3) das práticas de lazer: trata-se da busca incessante por um estado de satisfação tomado como fim em si mesmo e que se dedica ao prazer como um “estilo de vida”. Como visto anteriormente, a procura da felicidade e da alegria são aspectos marcantes e fundamentais do lazer da sociedade moderna. Dessa forma, pode-se afirmar de maneira categórica que em todos os eventos universitários investigados, cada qual de uma forma particular, foi possível observar – e sentir – esta busca pela realização e satisfação dos jovens estudantes e de outros sujeitos presentes,

⁷¹ A respeito deste ponto, os organizadores das festas de “rep.” normalmente trabalham menos que os organizadores das festas universitárias uma vez que há um menor número de “postos” e de “funções” de organização devido à compactação dos ambientes (das repúblicas e residências estudantis em relação às chácaras e salões) e das estruturas complementares de ambientação, sonorização, banheiros, distribuição de bebidas etc.

⁷² Esta também é a condição de alguns estudantes que são “contratados” para trabalhar nestes eventos. Em “troca” do seu ingresso ou entrada gratuita nas festividades, eles devem cumprir com certas atividades ou funções durante um tempo determinado. É o caso dos “agregados” e outros sujeitos próximos dos organizadores que se disponibilizam a ajudar na organização das festas, distribuindo as bebidas nos bares, ajudando na portaria, na divulgação dos eventos, etc.

seguindo, é claro, a mesma dicotomia exposta na propriedade anterior: enquanto que nos encontros particulares os donos do rolê permanecem todo tempo ao lado dos convidados vivenciando conjuntamente o prazer, a diversão e a satisfação propiciadas pelo compartilhamento de ideias, bebidas, comidas e espaços, as comissões organizadoras das festas de república e das festas universitárias se encontram a parte e empenhadas em oferecer o melhor ambiente possível para que os frequentadores possam experimentar todos os prazeres inerentes a estas práticas, seja no tocante ao consumo das bebidas e demais serviços, da apreciação audiovisual das atrações, dos inúmeros atrativos de consumo ou mesmo pela experimentação de relações unicamente viáveis nestas ocasiões festivas. A própria publicidade destes eventos se dedica a enfatizar a “promessa” de satisfação e realização dos sujeitos em todos os sentidos, utilizando o apelo de “oportunidade única e emergente” de fruição de sensações que *devem* ser vividas e sentidas “aqui e agora”, como se elas pudessem não estar mais acessíveis no futuro: “esta é uma festa imperdível!” (sic), “a melhor festa do período!” (sic), “é diversão garantida!” (sic), “não acredito que você vai ficar de fora desta festa” (sic), “você não pode perder esta oportunidade!” (sic), etc.

Mas não se engane: os organizadores das festas de “rep.” e das festas universitárias de forma alguma estão interditos de se realizarem pessoal e coletivamente durante a organização destes eventos. Deixando um pouco de lado as questões referentes à “satisfação material e social” propiciada pela obtenção de lucros e pela angariação de popularidade na sociedade discente – questões estas tratadas à exaustão nas seções e capítulos anteriores – pode-se dizer que o prazer das comissões organizadoras dos eventos universitários de maior porte se encontra na “aprovação” da maioria dos participantes presentes em relação à organização do evento, aos serviços, às atrações e demais atrativos oferecidos durante estas festividades. Em outras palavras, a realização dos organizadores está intimamente ligada à satisfação dos frequentadores, e este “deleite” e “bem-estar” propiciado pela certeza de ter correspondido às expectativas dos participantes é visivelmente notável nos semblantes dos membros da comissão ao final das festas, sobretudo quando estas ocorrem sem apresentar qualquer tipo de problemas ou imprevistos, trazendo à tona a sensação e o sentimento de “missão cumprida”. Esta correspondência não é só importante para a satisfação pessoal dos organizadores como também é fundamental para o próprio evento em si, uma vez que a progressão e a perpetuação destas festas dependem diretamente do sucesso consecutivo de suas edições. Este é o caminho para que os organizadores possam efetivamente “consagrar” os eventos e conquistar posição cativa nos corações dos universitários e no “circuito de festas dos estudantes da Unifal-MG”.

Por fim, temos o último aspecto elencado por Dumazedier como particularidade constituinte das atividades de entretenimento: a propriedade pessoal (4) do lazer. Relacionando este aspecto aos eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG, parece claro que tanto os rolês estudantis, quanto as festas de república e as festas universitárias cumprem efetivamente com a “função” de fontes de recreação que possibilitam aos discentes se libertarem dos cansaços físicos e mentais que vão de encontro a seus ritmos biológicos (a), e fugir do tédio cotidiano que nasce das tarefas repetitivas e – no caso específico desta pesquisa – das atividades laborais da academia que normalmente exigem uma carga de concentração e dedicação que desgastam e exaurem as forças destes jovens sujeitos (b). No mais, os eventos universitários permitem que os estudantes possam sair da rotina imposta pelas obrigações da universidade enquanto instituição de base, abrindo caminho para a possibilidade de livre extrapolação de si mesmo, em harmonia ou *contradição* com os valores sociais dominantes (c). Dessa forma, prossegue Dumazedier, o lazer mais *completo* é aquele que consegue satisfazer estas três necessidades do indivíduo, irredutíveis entre si, mas em estrita inter-relação (DUMAZEDIER, 1974, p.97).

Sobre este último parágrafo, é necessário fazer um adendo no que diz respeito à realização dos eventos estudantis em “contradição com os valores sociais dominantes”. É certo que os três tipos de eventos universitários aqui investigados se encontram numa posição delicada em relação a sua aceitação e legitimidade frente aos munícipes – principalmente aqueles estabelecidos nos entornos da universidade e próximos às repúblicas e demais residências estudantis – e de outras instituições de base como o poder público, visto a recente instauração da polêmica “lei do sossego” do município de Alfenas. Tão certo quanto esta tensão são também os excessos e “vacilos⁷³” dos estudantes que em determinadas situações e circunstâncias acabam por dar razão (e munição) para estas sanções mais rígidas contra os eventos universitários realizados dentro do perímetro urbano da cidade, uma vez constatados – muitas vezes em flagrante – a extrapolação da emissão de ruídos, as (raras) depredações do patrimônio público e as algazaras nas saídas destas festividades diante da afloração dos ânimos dos frequentadores depois de horas e horas de ingestão de bebidas alcoólicas.

Entretanto, é curioso ver como estas mesmas coisas parecem ser mais facilmente aceitáveis e “digeríveis” pelos moradores da cidade e pelo próprio poder público quando operadas pelos grandes empresários do entretenimento. Em certas ocasiões, eles praticam os mesmos “delitos” que os estudantes (se não piores) e em nenhum momento são repreendidos,

⁷³ Deslizes, equívocos, erros.

questionados ou mesmo colocados à prova de sanções que possam limitar as suas atividades com a mesma efervescência pela qual são tratados os discentes, contrariando assim a lógica de “perturbação da ordem e do sossego alheio”. Ora, parece-me que há um peso e duas medidas diferentes para uma mesma “infração” realizada por atores que têm interesse por um mesmo seguimento – o lazer – mas que estão em posições extremamente opostas, tanto em visibilidade quanto também em reconhecimento de importância social⁷⁴: “a corda sempre rompe do lado mais fraco”, já dizia o ditado. A meu ver, não vejo uma outra explicação plausível para esta “incoerência” senão a “cristalização da tensão geracional” entre jovens e adultos, fenômeno próprio da contemporaneidade e que a sociedade moderna, a muito custo, ainda está aprendendo a lidar. Mas este certamente é um outro tema, para um outro trabalho, para um outro momento mais oportuno e disponível. Sendo assim, voltemos, pois, aos eventos universitários dos estudantes desta instituição como espaços de lazer.

Postas todas estas coisas, creio que há subsídios suficientes para afirmar que os papéis estudantis, as festas de “rep.” e as festas universitárias são efetivamente lazes específicos deste contingente juvenil e que todos os três movimentos ocupam um lugar especial nos corações e preferências dos jovens estudantes desta pesquisa. Caso o leitor ainda não esteja convencido, uma outra fonte que ajuda a endossar esta afirmativa é a esmagadora convergência das respostas à pergunta presente no questionário voltado para os frequentadores dos eventos universitários e que faz a seguinte indagação: “*entre as festas organizadas pelos estudantes da Unifal-MG e as festas organizadas por outros meios (casas de entretenimento da cidade, festas dos estudantes da Unifenas e etc.), quais destas você prefere e frequenta mais?*”. Vinte e oito (28) dos trinta e um (31) entrevistados responderam que preferem as “festas dos estudantes da Unifal-MG”, correspondendo a 90% do total de frequentadores entrevistados, ao passo que apenas três (3) estudantes responderam que têm preferência pelas “festas de outros meios”, representando 10% do total. Ou seja, esta disparidade indica de forma contundente que os três eventos investigados neste trabalho são de longe as opções prediletas de lazer da grande maioria dos frequentadores que responderam ao *survey*, mesmo diante da infinidade de outras possibilidades de entretenimento disponíveis no município.

⁷⁴ Sobretudo quando se não reconhece a importância econômica e cultural que o público estudantil de ambas às universidades movimenta no município de Alfenas, MG.

Ainda nesta esteira, quando o aluno e o ex-aluno participantes desta pesquisa foram questionados com a mesma pergunta, novamente as respostas apontaram para as “festas dos estudantes da Unifal-MG”, todavia, com explicações diferentes. S.C. credita a sua preferência

“...por causa da acessibilidade de preço e por causa das ‘vibes’ das nossas festas... as festas maiores (de outros meios) você tem que se planejar, tem que comprar ingresso com muita antecedência, não pode deixar pra decidir na hora se vai ou não... sem dizer a ‘trampeira’⁷⁵ que é pra ir nessas festas, na minha época ninguém tinha carro e a gente precisava ou pegar um ‘busão’ (ônibus de linha) ou então ir de carona com alguém, ou então ir a pé lá para o trevo... as nossas festas era aqui do lado, perto da ‘facul’, e era tudo muito simples e mesmo assim muito ‘massa’” (S.C, 32 anos, ex-aluno de Farmácia da Unifal-MG – intervenções minhas).

Por sua vez, A.A justifica sua resposta dizendo que nas festas organizadas pelos estudantes da Unifal-MG

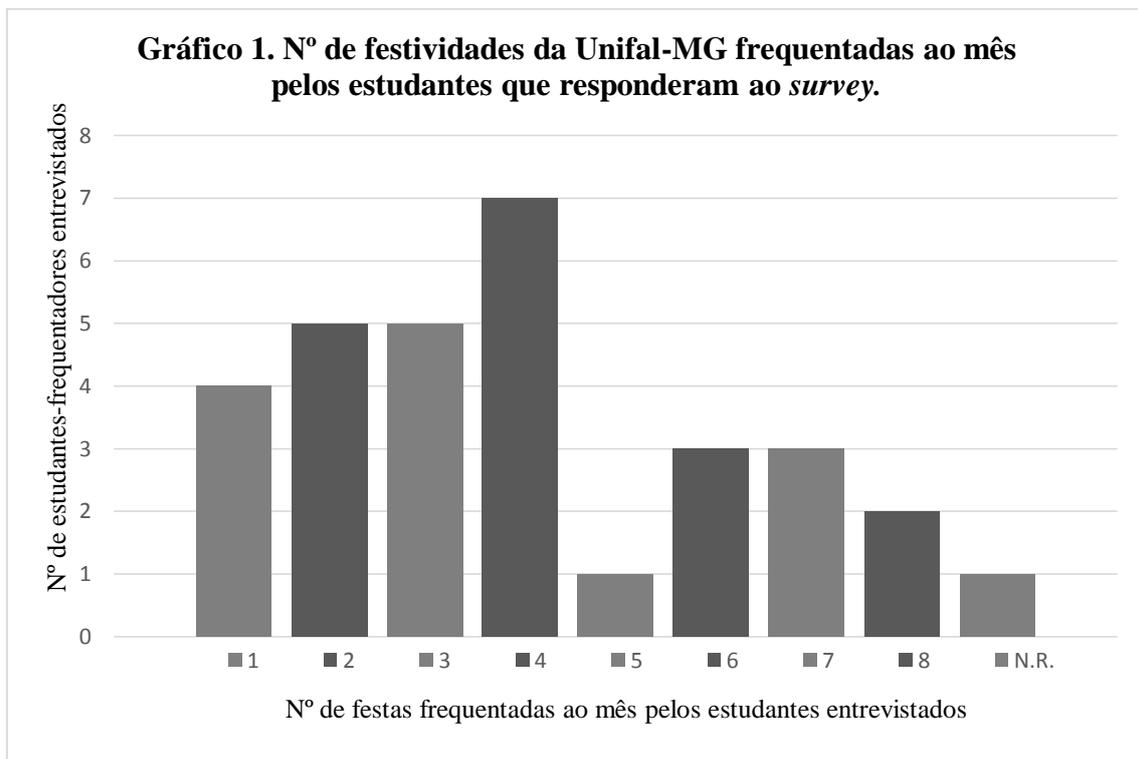
“...dá ‘pra’ conhecer muitas pessoas, e nas festas da cidade não acontece muito isso... então eu acho que mesmo com a universidade crescendo e as festas de república e os ‘rolezinhos’ se transformando em festas (universitárias), qualquer festa da Unifal a chance de você conhecer uma galera é muito maior do que nas outras festas (de outros meios) ... e é muito bom, a galera (da Unifal) é muito receptiva”. (A.A, 29 anos, ex-aluno do curso de Ciências Biológicas – intervenções minhas).

As respostas são interessantes pelo fato dos entrevistados indicarem algumas vantagens e possibilidades que os eventos universitários organizados pelos estudantes da Unifal-MG oferecem a seus usuários ao contrário das “festas organizadas por outros meios”, tanto no que

⁷⁵ Gíria: Trabalho, dificuldade.

diz respeito ao acesso “econômico” e “local” quanto a oportunidade de curtir eventos com a mesma “sintonia de identificação” e que possibilitem se “relacionar” com muito mais participantes por meio de afetos diversos (amizade, simpatia, interesse sexual, coqueteria, etc.).

Outro dado expressivo que se manifestou a favor dos eventos universitários organizados pelos estudantes desta instituição como opções de lazer prediletas dos discentes desta pesquisa foi o resultado da pergunta presente no questionário aplicado aos frequentadores e que indagava “*Quantas vezes ao mês – eles – costumam ir às festas organizadas pelos estudantes da Unifal-MG?*”. Vejamos o gráfico.



Os dados mostrados pelo gráfico não deixam dúvidas. A maioria dos entrevistados – sete (7) deles, aproximadamente 23% do total – vão em pelo menos quatro (4) festas ao mês, o que corresponde à média de uma festa estudantil por semana e que, a meu ver, é indício relevante de uma regularidade que expressa uma “rotina” e uma “preferência de entretenimento” destes jovens sujeitos. Entretanto, o dado mais impressionante mesmo é que dos trinta e um (31) entrevistados, dois estudantes (2), 6%, frequentam até oito (8) festas ao mês, o que corresponde a duas festas universitárias por semana. Vale lembrar que a pergunta dirigida aos entrevistados se referia mais especificamente às festas de maior porte, ou seja,

apenas as festas de república e as festas universitárias realizadas em salões e chácaras, excluindo das respostas, portanto, os rolês estudantis, muito mais ocorrentes que estas outras duas festividades juntas. Desse modo, os eventos universitários aqui investigados podem ser considerados oficialmente como instituições de lazer e de entretenimento dos jovens discentes desta pesquisa, uma vez que se apresentam como partes integrantes e opções constantes na rotina extra institucional e pessoal dos discentes que responderam a este questionário.

Termino assim a última seção do último capítulo desta monografia, esperançoso de ter correspondido às expectativas dos arguidores e expectadores, assim como ter propiciado ao leitor uma problemática relevante, uma hipótese coerente e uma conclusão – que há de vir em seguida – minimamente satisfatória para o tema, para o objeto e para trabalho. É nessa oportunidade que me lanço, pois, a tecer minhas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, coloquei à prova as hipóteses de que os eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG pudessem ser meios específicos de socialização e entretenimento deste estrato da juventude, o que ao meu ver acabou por se confirmar com o avanço desta pesquisa e monografia. No tocante da socialização, todos os três eventos podem ser pensados como ambientes de interação e concentração de discentes e outros sujeitos coligados pelo contexto da universidade e pela vontade de estarem junto e socializando destas formas. Os rolês são espaços particulares de socialização onde todos os envolvidos apresentam vínculos de relação entre si, o que faz deste evento um lugar propício para a extensão do sentimento mutuamente apreciado de satisfação em “estar junto e socializando”. As festas de república e as festas universitárias, por sua vez, são espaços públicos e impessoais de socialização nos quais os diversos grupos que compõem a heterogênea sociedade discente vivenciam e experimentam a socialidade “pura e lúdica” no limite de seus agrupamentos afetivos, dividindo os espaços com outros agrupamentos, muitas vezes estranhos entre si.

No que diz respeito ao lazer, todos os três eventos universitários investigados podem ser considerados efetivamente como formas de entretenimento dos jovens discentes desta academia, uma vez que resultam de uma “livre escolha” como meios de desenvolvimento recreativo e lúdico de suas capacidades físicas, artísticas, intelectuais e sociais, realizando-se após o expediente da graduação e da liberação das obrigações institucionais impostas pela universidade. Contudo, apenas os rolês estudantis podem ser pensados como “fontes integrais” de lazer e prazer para “todos os envolvidos”, visto que nas festas de “rep.” e nas universitárias há outros interesses em jogo para além da busca desinteressada pela satisfação pessoal propiciada por estes eventos. Neste sentido, os organizadores das festas universitárias de maior porte vivenciam estas festividades como lazer parcial, ou melhor, como *semilazer*, o que faz com que somente os frequentadores possam experimentar todas as possibilidades de fruição, diversão e realização oferecidas por estes eventos.

Além da confirmação daquelas hipóteses iniciais, constatei ainda que os eventos universitários desempenham certas “funções” muito valiosas para os estudantes, tanto para os organizadores quanto para os frequentadores, de acordo com seus objetivos e interesses: para os primeiros, os rolês estudantis podem ser pensados como formas de integração e de aprofundamento dos vínculos afetivos entre os “donos dos rolês” e seus convidados visto que

estes últimos tendem a se tonar “frequentadores habituais” destas casas e a fazer parte das “galeras” e das “turmas de amigos” dos residentes. Já as festas de república podem ser utilizadas como meios de afirmação e propagação das identidades individuais e grupais dos jovens organizadores, sendo ainda fonte concorrida de popularidade, notoriedade e prestígio social na sociedade discente. Por fim, as festas universitárias são a expressão máxima da racionalização dos eventos estudantis e atuam sobretudo como meios de arrecadação de fundos para fins específicos de acordo com os objetivos das inúmeras comissões organizadoras. Para os frequentadores, os principais motivos que os mobilizam a participar destes eventos são poder encontrar e sair com os amigos; divertir-se e sair da rotina da universidade; ouvir música, dançar e apreciar as atrações musicais; beber; paquerar e conhecer novas pessoas; curtir as festas com as quais se têm identificação, seja simbólica ou concreta, com a organização ou com a temática de referência; e pela acessibilidade do valor da entrada ou ingresso. Todos estes eventos são sociações extra institucionais que fazem parte da “dinâmica da vida universitária” dos estudantes desta academia, compondo ainda aquele circuito de interação e entretenimento bem conhecido por seus usuários: o “circuito de festas universitárias” dos estudantes da Unifal-MG.

É preciso reafirmar mais uma vez que tanto os rolês estudantis, quanto as festas de república e as festas universitárias são “espaços estritamente juvenis” e marcados pela “ausência dos pais” e dos demais adultos, configurando-se como uma oportunidade para que os jovens estudantes possam viver situações e sensações – muitas vezes inéditas – de liberdade, de autonomia e de uma realidade parcial ou totalmente diferente de seu núcleo familiar. São lugares que possibilitam a experimentação e a realização de outras questões da vida e de inúmeros outros conteúdos reprimidos pela sociedade, espaços especialmente construídos por estudantes e para que os estudantes possam extrapolar a si mesmos e interpretar “outros papéis”, percorrer novos caminhos e viver a totalidade e plenitude da juventude.

Antes de encerrar este trabalho, farei um último e breve apontamento o qual julgo pertinente para esta conclusão: para além das finalidades utilitaristas e práticas dos eventos universitárias como mecanismos de interação e entretenimento específicos deste estrato da juventude, acredito ser razoável afirmar que os rolês estudantis, as festas de república e as festas universitárias são também expressões próprias de uma maneira bem pontual de “ser jovem”, mais precisamente, do ser “jovem universitário”. Esta “forma de ser” que se cristaliza nas gírias, na moda, nos comportamentos (individuais e grupais), e nos modos de pensar o mundo reflete um universo de sentidos e de possibilidades que pode ser interpretado como uma das várias formas de expressão das “culturas juvenis”, e no caso desta investigação, da “cultura

universitária”. Uma cultura que existe e que se atualiza diariamente para se adaptar aos novos contextos sociais e às novas condições socioeconômicas da contemporaneidade. Uma cultura que movimentava a economia mundial e que mobiliza um grande mercado consumidor, imprimindo no mundo inteiro um “estilo de vida” e de viver a vida. Por fim, uma cultura que se encontra em rota de colisão e num estado permanente de tensão contra o mundo adulto, sendo ela própria, ironicamente, a transição para este mundo, em partes, indesejado.

Nesta esteira, os eventos universitários dos estudantes da Unifal-MG são expressões culturais possíveis deste universo de sentidos entendido como cultura universitária, pois refletem certas práticas que existem e que “evoluem” com o tempo, atualizando-se para atender as novas demandas e necessidades dos jovens estudantes desta instituição de acordo com seus contextos e realidades sociais. São economicamente atrativos, porque movimentam em Alfenas parte da economia local e mobilizam um mercado consumidor valioso, trazendo inúmeros capitais para os diversos setores comerciais da cidade, sendo muitos destes setores ligados a produtos de consumo que fazem alusão ao “ser” e ao “parecer jovem”, seja no ramo da moda, do entretenimento ou de qualquer outro. Por último, são expressões conflituosas, pois são responsáveis pelas tensões entre os jovens estudantes e os vizinhos adultos, consolidando e evidenciando ainda mais o conflito intergeracional próprio da sociedade moderna. Sendo assim, os eventos universitários dos estudantes desta universidade podem ser pensados em todos os sentidos como expressões sociais, culturais e, em breve, políticas deste estrato específico da juventude, visto a recente movimentação dos moradores das repúblicas estudantis da Unifal em torno da criação de um organismo coletivo que possa representá-los e garantir os seus direitos diante do município e do poder público, visto o gradual entendimento da possibilidade e do direito que eles têm em serem protagonistas da sociedade alfenense uma vez que são os responsáveis por adjetivar este município de cidade “universitária”.

Diante desse universo que se evidencia aos olhos, finalizo este trabalho com a certeza de que obtive algumas respostas, mas deixei muito mais perguntas. Indagações e provocações estas que talvez possam levar o leitor e os demais interessados a mergulhar mais a fundo no universo da cultura estudantil/juvenil. Isso seria muito bom. Mas quero que fique claro que esta minha jornada investigativa não acaba aqui. Deixo em aberto a possibilidade e o desejo de retomar o tema dos eventos universitários e da cultura estudantil para além desta monografia, pois entendo que há muito mais para ser investigado, visto, ouvido, sentido e escrito. Quem sabe para uma dissertação ou uma tese, ou outras publicações posteriores. Mas isto, como dito, é assunto para um outro momento, ou em outras palavras, tema para uma outra festa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio L. **A Dinâmica da Sociabilidade em Georg Simmel**. In: Contribuciones a las Ciencias Sociales. San Jose: Editora Julio, 2013.
- CÂMARA MUNICIPAL DE ITAJUBÁ. **Comissão de Segurança Pública Discute Promoção de Festas em Repúblicas Estudantis de Itajubá**. Itajubá, 11 fev. 2015. Disponível em:< <http://www.itajuba.cam.mg.gov.br/itajuba/Pagina.do?idSecao=59&idNoticia=11960>>. Acesso em: 11 fev. 2015.
- CARDOSO, Sérgio. **O Olhar Viajante (Do Etnólogo)**. In: O Olhar. Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.
- CATANI, Afrânio M; PORTO GILIOLI, Renato de S. **Culturas Juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- CHEQUER, Ângelo. **Festas em Repúblicas Incomodam Moradores do Bairro Ramos**. Viçosanews. Viçosa, 07 nov. 2012. Disponível em:< <http://vicosanews.com/2012/11/07/festas-em-republicas-incomodam-moradores-do-bairro-de-ramos/>>. Acesso em: 02 out. 2014.
- DAYRELL, Juarez. **O Jovem Como Sujeito Social**. Rev. Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. n.24. set/dez 2003, (p. 4-13).
- DIAS, Fadil L. **Sociabilidade na MetrÓpole: as reflexões de Georg Simmel**. São Paulo: Editora Usp, 2012.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- _____. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- EMERGENTE, Alessandro. **Festas Abusivas em “Repúblicas” de Estudantes Podem Gerar Interdição**. Jornal Alfenas Hoje. Alfenas, 07 mai. 2014. Disponível em:< http://www.alfenashoje.com.br/noticia.asp?id_noticia=7697>. Acesso em: 11 mai. 2014.
- _____. **Volta às Aulas Reacende Polêmica sobre a Lei do Silêncio, Sancionada Recentemente**. Jornal Alfenas Hoje. Alfenas, 01 set. 2014. Disponível em:< http://www.alfenashoje.com.br/noticia.asp?id_noticia=8312>. Acesso em: 02 out. 2014.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2005.
- LENZA, Dario. **Os Excessos em Repúblicas Estudantis**. Jornal GGN. Blog Luis Nassif. Belo Horizonte, 01 dez. 2012. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/os-excessos-em-republicas-estudantis>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- MARCELLINO, Nelson C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. 2ª ed. Brasília: Editora Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- PEDRO, Fernanda R. **Repúblicas Universitárias Promovem Festas em São João del-Rei**. Vertentes Agências de Notícias. São João del-Rei, 11 mar. 2013. Disponível em:< <http://www.vanufsj.jor.br/?p=731>>. Acesso em: 02 out. 2014.

RIBEIRO, Maurício A. **Lavras Discute Lei que Pune Festas em Repúblicas Estudantis**. Portal Lavras 24 Horas. Lavras, 14 mai. 2009. Disponível em:<<http://www.lavras24horas.com.br/portal/lavras-discute-lei-que-pune-festas-em-republicas-estudantis/>>. Acesso em: 14 set. 2014.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Pedro Caldas (Trad.). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

_____. **O Problema da Sociologia**. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). Georg Simmel: **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

_____. **Sociabilidade**: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). Georg Simmel: **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As Sociologias de Georg Simmel**. Marcos Roberto Flamínio Peres (Trad.). Bauru, São Paulo: Editora Usc; Belém: Editora Ufpa, 2005.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1998.

